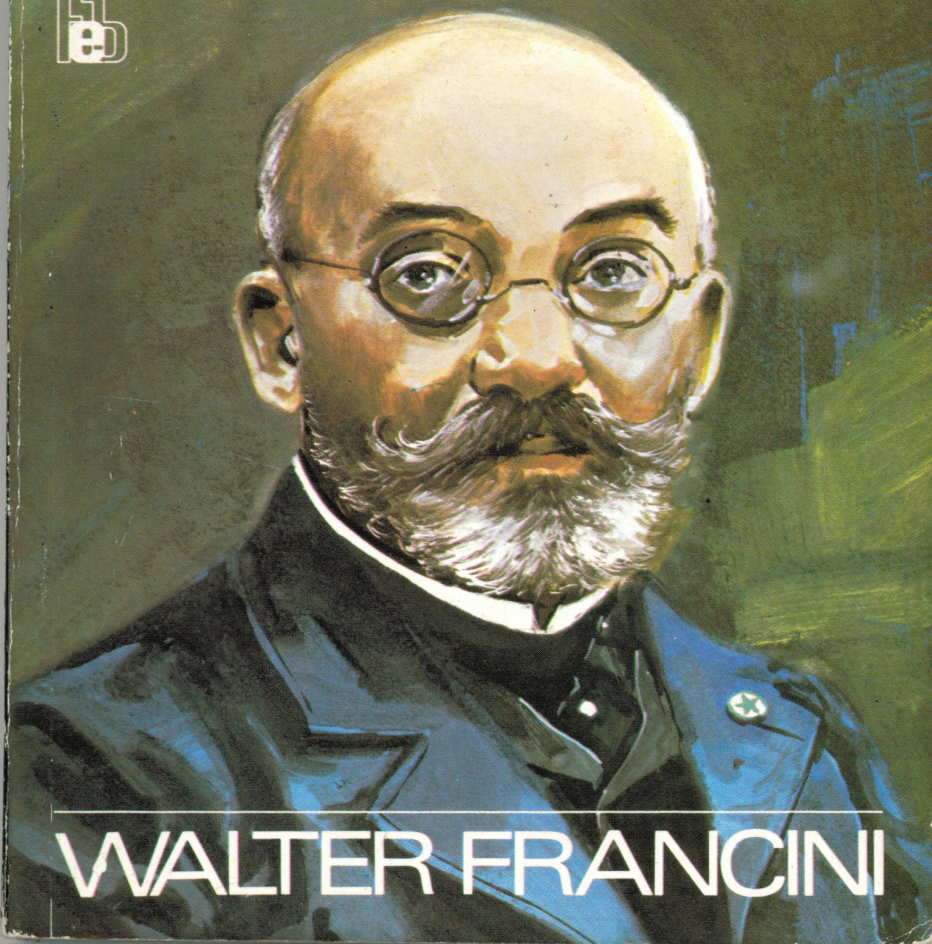


DOUTOR ESPERANTO



WALTER FRANCINI

"Estou lendo, com encanto e interesse, uma linda e substanciosa monografia, ou melhor, uma biografia romaneada de Walter Francini sobre a figura imortal de Zamenhof, médico polonês, o inventor do idioma universal, chamado "Esperanto".

"A biografia tem uma fluência de reportagem literária, e nela o autor mistura o seu respeito, admiração e idealismo com os nobres e superiores objetivos do Dr. Zamenhof, que sonhou, como o doce Rabi da Galiléia, dar à Humanidade um veículo universal de entendimento e amor."

*

"Zamenhof não queria substituir os idiomas nacionais, não! Queria — e Walter acentua-o muito bem — que nós todos acrescentássemos, ao nosso idioma nativo, o idioma do Esperanto. Então, todos os meninos brasileiros, se a idéia fosse posta em prática, falaria português e esperanto; os meninos ingleses falaria inglês e esperanto; os meninos alemães falaria alemão e esperanto... E assim por diante. Oh! doutor Zamenhof, onde quer que você se encontre nas dimensões ignoradas do Universo, receba o beijo de gratidão de todos aqueles que, como você, mesmo em escala menor, aspiram a contribuir para a construção de um Mundo melhor, liberto das trevas, das intolerâncias, das violências..."

(MARIO GRACIOTTI, no "Diário Popular", de São Paulo, de 29-3-1973.)

Doutor Esperanto

Esta obra foi recomendada pela Equipe Técnica do Livro e Material Didático da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, para divulgação nos estabelecimentos de ensino secundário e normal (Processo 0412-73. "Diário Oficial" de 14 de setembro de 1973).

ISBN 85-7328-220-7

4ª edição

Do 10º ao 12º milheiro

Capa de CECCONI

B.N. 63.582

5,31-AA; 000.3-O; 1/2000

Copyright 1983 by

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

(Casa-Mãe do Espiritismo)

Av. L-2 Norte — Q. 603 — Conjunto F

70830-030 — Brasília, DF — Brasil

Reprodução fotomecânica e impressão offset das

Oficinas do Departamento Gráfico da FEB

Rua Souza Valente, 17

20941-040 — Rio de Janeiro, RJ — Brasil

CNPJ nº 33.644.857/0002-84

I.E. nº 81.600.503

INTERNET

<http://www.febrasil.org.br>

Pedidos de livros à FEB — Departamento
Editorial, via Correio ou, em grandes enco-
mendas, via rodoviário: por carta, telefone
(021) 589-6020, ou FAX (021) 589-6838.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

F891d

4.ed.

Francini, Walter, 1926-1996

Doutor Esperanto / Walter Francini. — 4.ed. — Rio de Janeiro :
Federação Espírita Brasileira, 2000

"Com carta-prefácio do Dr. Mário Graciotti, da Academia Paulista
de Letras"

Apêndices

ISBN 85-7328-220-7

1. Zamenhof, Lázaro Luís, 1859-1917 — Biografia. 2. Esperanto.
I. Título.

99-1761.

CDD 924.99992

CDU 92 (ZAMENHOF, L. L.)

101299 131299

008272

*Minha homenagem sincera ao dr.
Erlindo Salzano, que na aprazível cidade
de Porto Ferreira (S. P.) foi meu primei-
ro mestre de Esperanto.*

★ ★ ★

*Meus melhores agradecimentos à
Associação Paulista de Esperanto em
cuja biblioteca realizei as pesquisas que
deram origem a esta publicação.*

W. F.

ÍNDICE

	Carta-prefácio do Dr. Mário Graciotti ..	9
<i>Capítulo</i>	I — Na Escola da Vida	11
"	II — A Vida Ensina	13
"	III — Sonho Gorado	16
"	IV — O Sonho Renasce	19
"	V — Festejando um Nascimento	21
"	VI — Rigor Paterno	23
"	VII — Alegria e Tristeza	26
"	VIII — Trabalho de Reconstrução	30
"	IX — Reclusão Voluntária	32
"	X — "Idealista Incorrigível"	35
"	XI — Acertando a Carreira	38
"	XII — Casamento à Vista?	40
"	XIII — A Companheira	44
"	XIV — Ajuda Inesperada	46
"	XV — Lançamento da Língua Internacional ..	49
"	XVI — Atividade Editorial	53
"	XVII — Dificuldades Materiais	57
"	XVIII — "Impossibilidade Absoluta"	60
"	XIX — Reformistas são Derrotados	63
"	XX — Adesão Extraordinária	66
"	XXI — No Limiar do Século	68

Capítulo	XXII — Em Boulogne, uma Nova Humanidade ..	71
"	XXIII — Prece Universalista	74
"	XXIV — Intocabilidade do Esperanto	83
"	XXV — Princípios Éticos	87
"	XXVI — Contra os Ultranacionalistas	93
"	XXVII — O Caso da "Delegação"	96
"	XXVIII — Na Alemanha	101
"	XXIX — Na Espanha	103
"	XXX — Nos Estados Unidos	105
"	XXXI — Para o "Congresso das Raças"	108
"	XXXII — Despedindo-se da Liderança	111
"	XXXIII — Frustração	114
"	XXXIV — Em Luta com a Doença	116
"	XXXV — Em Favor da Humanidade	119
"	XXXVI — A Partida	122
	Posfácio	124
	Apêndice	127
	1. O nome do criador do Esperanto	127
	2. Regras do Esperanto	128
	3. Textos originais da Resolução da UNESCO sobre o Esperanto	131
	4. "Relações consultivas"	132
	5. A UNESCO oficializa o centenário de Zamenhof	133
	6. Congressos Universais de Esperanto	134
	Adendo	137
	Errata	139
	Obras consultadas	140
	Informações sobre o autor	141

Carta enviada para o autor pelo dr. Mário Graciotti, diretor do Clube do Livro, secretário da Academia Paulista de Letras e autor de várias obras laureadas, dentre elas o monumental "Firmamento no Universo Finito".

São Paulo, 27 de abril de 1973

Caro e distinto confrade WALTER FRANCINI

NÃO sei como classificar a impressão que me ficou da leitura do seu magnífico livro "DOUTOR ESPERANTO". Entre comovido e assustado, primeiro, pelo toque humano que os seus escritos apresentam; segundo, pelo gigantesco sonho universalista de um homem, aspirando unir os outros homens no plano do diálogo e da compreensão, favorecido por um idioma comum.

PERCEBO nesta minha espontânea emoção, provocada pela leitura de seu atraente livro, a presença, embora remota, de outro homem, que, da Galiléia, sonhou, também, unir-nos por uma outra linguagem, mais volátil do que a palavra, mas intrinsecamente mais profunda na sua nobre expressão: a linguagem silenciosa do Amor!

GOSTARIA de lembrar-lhe a conveniência de tornar neutra, em todo o sentido, racial, moral, religioso, político, econômico, a incomparável figura do dr. Zamenhof, pois ele, também, se considerava universalista, neutro, acima das miúdas questões e coisas dos pequeninos homens, embora não perdesse os alicerces de sua terra nativa.

É TÃO belo o que V. escreveu, caro Walter, e tão digno é tudo o que se refere à obra de Zamenhof, que pobres e frágeis são estas minhas palavras com que saúdo o nascimento de seu ensaio e a possível aurora, que ele aguarda, pois em suas páginas se fundem, mesmo em faixa modesta, as esperanças de toda uma Civilização, cansada, cansadíssima, de tantos inquietantes e cruéis desencontros.

Do amigo, patricio e muito admirador,

Mário Graciotti

Capítulo I

NA ESCOLA DA VIDA

Local: a cidade de Bialistoque, na província de Grodno, Polônia.

Época: 1859, 15 de dezembro. Domínio russo.

Num sobrado grande, mas modesto, as horas custam a passar.

O chefe da casa, professor Marcos, caminha nervoso ante a porta fechada do quarto onde sua esposa Rosália vai dar à luz. Já faz tempo que a parteira entrou lá, mas até agora nada!... Esta espera sem fim deixa o professor angustiado. Finalmente ouve-se um grito agudo e longo e o sr. Marcos pára de caminhar, inclinando a cabeça na direção do grito. Sua enorme barba negra contrasta vivamente com a palidez do rosto. O professor demonstra toda a ansiedade do homem que se torna pai pela primeira vez.

Passado algum tempo, a parteira surge triunfante à porta para anunciar com voz festiva:

— É um menino, senhor professor. Venha ver que belezinha!

O pai entra no quarto, examina satisfeito a criança e contempla a esposa que descansa, feliz.

— Você sofreu muito, Rosália?

— Um pouco... mas foi menos do que eu pensava...

O marido toma-lhe uma das mãos e beija-a. Dona Rosália olha a criança e diz:

— Deus nos mandou um menino. Você está contente, Marcos?

O professor tem uma personalidade austera, pouco expansiva. Mas neste momento está emocionado, com os olhos ligeiramente umedecidos. Um novo ser veio ao mundo, e isto é um acontecimento solene, quase santo, mesmo para aqueles que como o senhor Marcos não aceitam um plano de vida superior ao material. O professor beija sua esposa na testa e responde-lhe:

— Estou contentíssimo! Mas você precisa descansar...

Enquanto ele se retira, dona Rosália contempla enternecida o recém-nascido. Que destino lhe estará reservado? Será um grande homem ou levará vida obscura?

Não se preocupe, dona Rosália, deixe o tempo passar. Glória ou obscuridade, pobreza ou fartura, alegria ou tristeza, tudo forma as lições da Escola da Vida. Se ele for um grande homem, tanto melhor. Se, porém, o seu destino for humilde, isso não tem importância, o que vale é a bênção de viver, é a oportunidade renovada, a cada dia que nasce, de crescer espiritualmente e ser feliz.

Tron lá, mas até agora nada!... Esta espera sem fim deixa o professor angustiado. Finalmenteouve um grito agudo e longo e o sr. Marcos pára de caminhar, inclinando a cabeça na direção do grito. Sua enorme barba negra contrasta vivamente com a palidez do rosto. O professor demonstra toda a ansiedade do homem que se torna pai pela primeira vez.

Passado algum tempo, a partícula surge triunfante: a porta para anunciar com voz festiva:

— É um menino, senhor professor. Venha ver que

O pai entra no quarto, examina satisfeito a criança e pergunta a esposa que descansasse feliz.

— Você sofreu muito, Rosália?

— Um pouco... mas foi menos do que eu pensava...

O menino toma-lhe uma das mãos e beija-a. Dona Rosália olta a criança e diz:

— Deus nos mandou um menino. Você está content

Capítulo II

A VIDA ENSINA

Já se passaram sete anos desde aquele dia nervoso na casa do professor Marcos. A criança recebeu o nome de Lázaro Luís e agora está brincando com os meninos da vizinhança. É uma criança tímida, pensativa e inteligente.

O pai, professor de alemão e francês, logo percebeu que Lázinho aprende línguas com facilidade e, por isso, sempre que pode, dá-lhe lições ou passa-lhe exercícios.

Hoje o menino está demorando na rua.

A mãe, preocupada, pergunta à vizinha:

— A senhora viu o Lázinho?

Antes da resposta, ei-lo que surge, correndo, muito pálido.

Dona Rosália repreende-o com brandura:

— Onde você esteve até agora? Não sabe que já passou a hora do almoço?

Lázinho está trêmulo, dominado por forte emoção. A mãe nota-lhe a palidez e diz:

— Estou estranhando você, hoje. Você é sempre calmo, obediente, cumpridor dos seus deveres... Conte-me o que lhe aconteceu.

O menino está encabulado. Prefere silenciar. Mas a mãe insiste:

— Vamos, explique-se. Seu pai está furioso com você!

Lázaro vence a timidez e pergunta:

— Mãe, há algum mal em ser judeu?

— Que é isso, filho? Você não aprendeu que Deus foi especialmente generoso para com nosso povo? ... Mas por que fez essa pergunta?

— Eu estava brincando com meus amigos quando apareceu um moleque bem maior do que nós, querendo estragar a nossa brincadeira. Começamos a discutir e de repente ele me chamou de "judeuzinho pretensioso". Logo se formaram dois grupos: o dos judeus e o dos não-judeus. Como éramos minoria, tivemos de correr... Não compreendo por que ele punha tanto ódio ao dirigir-me a palavra "judeu", nem por que alguns amigos me traíram...

— Ora, filho, isso é coisa de moleques...

— Ah! mãe, eu não penso assim. A nossa raça atrai o ódio das outras. No outro dia vi dois homens brigando, um era judeu, outro alemão. As pessoas brigam só porque são de raças diferentes?

Dona Rosália fica pensativa. Em sua tela mental projetam-se os inúmeros conflitos inter-raciais que já viu, alguns deles culminando em lutas sangrentas. Ela lembra o último boato lançado contra os de sua raça, por ocasião do desaparecimento de um menino polonês: "Os judeus sacrificam crianças nos seus rituais!" Pouco tempo depois o menino foi achado ileso, mas o boato maldoso não tinha deixado de avivar fortemente o sentimento anti-semita. Apesar de tudo a bondosa senhora prefere responder:

— Lazinho, você é muito criança para preocupar-se com isso. Vá lavar-se e ponha-se à mesa.

O menino obedece e, ao sentar-se, relembra uma lição em que seu pai lhe ensinara a igualdade entre os homens.

Na mesa recende a comida, amorosamente preparada por dona Rosália. Mas Lazinho, apetite embotado e mente distante, não sente odores nem vê pratos diante de si.

Igualdade entre os homens... Mas existem "homens"? O que existe são: russos, poloneses, alemães, judeus...

A mente do menino continua agitada com a lição que a vida acaba de lhe dar: os princípios morais são belos e justos mas moram muito longe da realidade humana.

Capítulo III

SONHO GORADO

Uma análise mais atenta das circunstâncias que envolvem a Lázaro revela que o menino veio a nascer justamente na região terrestre onde se faz sentir com mais intensidade o problema da comunicação entre as pessoas. Judeus, poloneses, russos e alemães formam comunidades distintas na pequena cidade de Bialistock, cada uma com sua língua, costumes e religião, que as mantêm distantes, desconfiadas e inimigas entre si.

Dotado de grande sensibilidade e espírito de observação, Lázaro vai registrando os numerosos episódios desses choques envolvendo ora crianças, ora adultos.

Olhares zombeteiros, risinhos, palavras de escárnio, apupos e rixas ocorrem constantemente ante o olhar inteligente daquela criança, que agora procura descobrir a causa desses acontecimentos e, com a causa, também a solução! Sim, positivamente é isso que ele quer: pacificar a humanidade. Esta idéia, bruxuleante na sua mente desde a infância, explode com força total a partir da adolescência.

Eis Lazinho no ginásio, primeiro na sua cidade natal e depois em Varsóvia. É um aluno que não abusa de sua inteligência, esforçando-se ao máximo no estudo. Por isso, tira sempre o primeiro lugar. Todos prevêem que ele irá longe.

O jovem ginasiano tem uma inclinação especial para as línguas: além do iídiche, fala bem russo, polonês e alemão; lê com facilidade latim, hebraico e francês;

conhece, embora mais teoricamente, grego, inglês, italiano e algumas outras línguas.

Que é que separa os homens? — é a interrogação que o preocupa.

Não é evidentemente, salvo em casos excepcionais, a raça, a cor ou a religião. Há nações onde convivem em paz brancos e pretos, nacionais e estrangeiros, religiosos e ateus. Seriam os costumes?

Havendo respeito mútuo, também os costumes podem ser diferentes.

Para Lázaro, a causa fundamental da incompreensão entre as pessoas é a diversidade de línguas. Dois homens que falem idiomas diferentes são como dois trilhos paralelos em leito de ferrovia: jamais podem encontrar-se. Ou então, para eles vigora este princípio: nada os une, tudo os separa. É verdade que duas pessoas podem se desentender falando a mesma língua, e infelizmente este é um fato comuníssimo; mas para duas pessoas que falem idiomas diferentes está cortada, desde o início, toda possibilidade de entendimento.

O adolescente sonha.

E se fosse restaurado o latim? Foi a língua comum do grande Império Romano e, mais tarde, dos homens cultos na Idade Média. Em sua imaginação excitada, Lázaro vê-se viajando pelo mundo, exortando os homens a reviverem o idioma antigo.

Mas o sonho dura pouco. O jovem é bastante atilado para perceber que o latim, apesar das suas enormes possibilidades, é por demais complexo para tornar-se língua de todos, com as suas declinações, conjugações e irregularidades.

Lázaro caminha agora em outra direção. Sua mente fixa-se numa língua planejada. Logo, porém, o entusiasmo esfria: a quantidade de formas gramaticais e o volume de vocábulos necessários apresentam-se-lhe como trabalho gigantesco, superior às forças humanas.

Um sopro de desencença, abala-lhe o coração e o jovem resolve dar adeus ao seu sonho. Afinal de contas,

quem é ele, pobre adolescente de família pobre, para alterar o destino da humanidade?

Mas a fossa em que Lázaro está mergulhado é muito mais profunda: não se trata apenas de um momentâneo fracasso na consecução de um ideal, que estímulos novos podem facilmente reavivar; o seu desânimo é total, porque é nesta fase que o jovem, com apenas quinze anos, perde a fé em Deus e passa a ver nenhum sentido na vida. Para que vivo, para que aprendo, para que labuto, para que amo? — são as interrogações que formula a si mesmo o adolescente. E para sua infelicidade nem o céu com suas estrelas, nem a ciência com seus livros, nem a religião com suas revelações conseguem de alguma forma abrandar-lhe a sede de Infinito.

Capítulo IV

O SONHO RENASCE

O tempo passa. Lázaro agora está cursando a quinta série do ginásio.

De repente, em classe, uma revelação: a simplicidade da gramática inglesa. O jovem fica encantado. Seu velho sonho renasce com mais força: a riqueza de formas gramaticais é apenas uma casualidade resultante da evolução das línguas; não é uma fatalidade. Será possível reduzir a gramática a apenas algumas páginas? Lázaro agora acredita firmemente que sim.

Resolvido o problema da gramática, resta agora o do vocabulário. Se o princípio da economia vale para a primeira, por que não valerá também para o segundo?

O jovem então imagina um vocabulário totalmente arbitrário, com palavras de uma ou duas sílabas, composto da série matemática de todas as combinações de letras, pronunciáveis: a, ab, ac, ad, ... ba, ca, da, ... e, eb, ec, ... be, ce, ... aba, acá, etc. Põe-no à prova consigo mesmo e... logo o abandona pela dificuldade de memorizá-lo.

Pouco a pouco ele se convence que o vocabulário da nova língua deve ser natural, e não inventado, e deve ser extraído do vocabulário latino-germânico. Realmente não existem tantas palavras já internacionais por serem conhecidas de todos os povos?

Devagar mas com firmeza, seu velho sonho vai ganhando substância para abandonar o campo da abstração e transferir-se definitivamente para o plano da realidade.

Varsóvia, a velha capital polonesa, torna-se encantadora na primavera. O vento brando traz perfumes

suaves enquanto as árvores florescem na transparência da atmosfera.

Lázaro caminha pela rua. Seu olhar capta as belas imagens a sua volta e em todo ele fremente de novo a alegria de viver.

O jovem contempla, feliz, pessoas, animais e coisas, a quem sente-se ligado por estranhos fluidos de solidariedade. Sua alma está vibrando e, embora não articule palavras nem formule frases mentais, dela se evola esta mensagem: Obrigado, irmão, pela tua presença que me reconforta e pelo teu quinhão de esforço em prol do bem comum! Obrigado, cavalo, pelo serviço valioso que prestas, puxando a carroça! Obrigado, flor, pela tua figura harmoniosa e perfume agradável!

Impulsionado por este sentimento, Lázaro sente-se flutuar pela rua, leve como um passarinho.

De repente estaca. O que lhe interrompeu a vibração?

É uma tabuleta, com uma inscrição: "Confeitaria". Mas o que teria de poético uma simples tabuleta desbotada?

Ele torna a caminhar. Mais adiante, pára de novo: outra tabuleta. Desta vez lê: "Portaria".

Agora, sim, ele fez uma descoberta entusiasmadora: aquela minúscula terminação *-aria* representa a solução para o problema das palavras: uma língua planejada já não precisa de um vocabulário imenso; basta usar racionalmente, e até as últimas conseqüências, todas as possibilidades dos afixos. (1)

A descoberta multiplica a alegria do jovem. Ele aperta o passo na rua arborizada e começa a cantar em voz baixa, enquanto uma chuva de pétalas provocada pelo vento balsamiza a sua passagem...

(1) Afixos: partículas ou letras que se juntam às palavras para lhes modificar o sentido. Exemplos: *in-*, nas palavras *incauto*, *indócil*, *indigno*; — *ável*, nos vocábulos *amável*, *louvável*, *apreciável*; — *al-*, nas palavras *laranja*, *banana*, *jabuticaba*.

Capítulo V

FESTEJANDO UM NASCIMENTO

É o dia 5 de dezembro de 1878, ao entardecer.

A casa de Lázaro está alvoroçada. Seis ou sete colegas seus do Liceu onde ele cursa a última série, conversam animadamente no quarto do amigo, no andar térreo. Lázaro está sentado no centro deles, feliz, trocando idéias e respondendo a perguntas, como um autêntico líder.

Agora ele se levanta e, chegando à porta, lança um aviso a dona Rosália: — Mãe, chegou a hora do bolo!

Os colegas animam-se: — Vai haver bolo, Lázaro?

— Sim, responde o jovem. Minha mãe não faz por menos. Pois não estamos reunidos para festejar um nascimento?

Sorridente, dona Rosália entra com uma bandeja, sob os aplausos dos jovens. Foi ela mesma que fez o bolo em homenagem a seu filho cujas idéias ela reconhece serem belas e justas.

— Este bolo está apetitoso, dona Rosália — diz-lhe o filho. Mas antes de parti-lo, vamos fazer uma pequena cerimônia.

Todos se põem de pé, em volta à mesa. E começam os discursos. Primeiro o de Lázaro, depois os de alguns outros. O tema praticamente é um só: fraternidade. Mas o extraordinário é que os oradores já usam a "lingue universala", recém-criada pelo seu líder. (Sobre a mesa, ao lado do bolo, jazem alguns cadernos com

a gramática e o dicionário da nova língua, além de algumas traduções).

Em seguida, com o entusiasmo dos dezoito anos, os jovens cantam o hino da fraternidade, cuja estrofe inicial diz:

*Malámikete de la nacjes,
Kadó, kadó, jam temp' está!
La tot' homoze in famílje
Konunigare so debá. (2)*

Palmas calorosas coroam o final do hino. Dona Rosália parte o bolo e enquanto os moços o saboreiam, eufóricos, a sensível senhora enxuga uma lágrima que ninguém viu.

Agora é toda luminosidade o horizonte de Lázaro. Ele sente que está no caminho certo, conta com o apoio total da genitora e a admiração dos seus mestres e até conseguiu formar um pequenino círculo de discípulos. Mas essa euforia será passageira. À revelia dele pequenas nuvens se acumulam pouco a pouco, preparando a tempestade que por longo tempo irá obscurecer o seu céu interior.

(2) Inimizade entre as nações, fora, fora, já é tempo! Toda a humanidade deve unir-se numa só família.

Capítulo VI

RIGOR PATERNO

Realmente todo aquele entusiasmo dos seus colegas de liceu tinha sido fogo de palha: um a um os "discípulos" estavam abandonando o "mestre" e, após a formatura, decorridos apenas seis meses do nascimento da "lingwe uniwersala", já ninguém mais procurava a Lázaro para falar-lhe sobre ela.

Assim é o destino dos que lutam para melhorar o mundo: nos primeiros momentos não lhes faltam adesões entusiásticas mas quando os futuros "apóstolos" esbarram com a incompreensão, o escárnio e a hostilidade do ambiente, eles abandonam a causa e seu líder com a maior sem-cerimônia.

Mas um aborrecimento bem maior está prestes a desabar na existência de Lázaro.

O curso secundário está concluído. E agora, que profissão irá seguir?

Os judeus do Império Russo têm poucas opções, a medicina é a mais atraente. O professor Marcos já decidiu: seu filho será médico e, para isso, estudará na Universidade de Moscou.

Lázaro está no seu quarto, preparando as malas para a viagem. Idéias opostas enxameiam-lhe na mente: a fama da capital do Império, a expectativa da vida universitária, mas por outro lado a solidão, a ausência da mãe... E como será Moscou no tocante às relações inter-raciais?

A voz do professor Marcos interrompe estas cogitações:

— Lázaro, quero falar com você.

— Sim, pai, estou às ordens.

— O que vou dizer-lhe sei que irá magoá-lo mas o meu dever de pai me obriga a isso...

O jovem abre bem os olhos para não perder nada.

O professor prossegue, com serena firmeza:

— Tenho acompanhado à distância os seus trabalhos em prol de uma língua universal... Reconheço a nobreza da idéia mas chegou o momento de você abandoná-la, ao menos provisoriamente. Já há algum tempo colegas meus me alertaram sobre os perigos que essa atividade poderia acarretar-lhe: um esgotamento nervoso... até uma perturbação das faculdades mentais... Não intervim antes porque até aqui você tem ido muito bem nos estudos. Mas agora que você vai seguir um curso puxado não posso permitir que desvie suas energias para outra coisa além da medicina. Por isso você vai prometer-me uma coisa...

— O quê, pai?

— Que abandonará a idéia de língua universal pelo menos até formar-se médico.

Vivendo numa época em que a autoridade paterna é acatada como um oráculo, mas sobretudo pela sua índole obediente, o jovem consegue balbuciar:

— Sim, prometo.

— E quero outra coisa, prossegue firme o pai. Quero que você me entregue todos os cadernos onde registrou a sua língua.

— Está bem. Vou buscá-los.

A decisão do genitor abalou profundamente a Lázaro, que está pálido e com a pulsação acelerada. Se a língua universal fosse para ele um simples passatempo, vá lá! Mas agora, e mais do que nunca ele o sente precisamente agora, ela se tornou para ele a sua própria razão de viver.

Não sabia o professor Marcos que guardando aquele material lingüístico numa gaveta da sua escrivaninha,

estava como que enterrando o mais lindo sonho do seu primogênito!

As tempestades morais que se abatem sobre o ser humano superam de longe, nos estragos, as violências das intempéries. Mas, mesmo nas piores circunstâncias da existência, ninguém fica totalmente só. Para consolar o nosso Lázaro, é dona Rosália quem movimenta as suas imensas reservas de carinho e compreensão.

Capítulo VII

ALEGRIA E TRISTEZA

Moscou. As torres do Cremlin. A neve, os trenós. O ano é 1879.

Na Universidade cheia de estudantes Lázaro encaminha-se para a sala de anatomia.

Acompanhado de um assistente, o catedrático aguarda os alunos. Um cadáver já está pronto para ser dissecado.

Ante o olhar atento dos calouros começa a aula. A medida que a dissecação se efetua, o professor enuncia nomes e mais nomes que os alunos registram. Lázaro igualmente está atento e vai anotando tudo no caderno. Mas imperceptivelmente sua atenção se desvia, o braço pende, a mão já não escreve. Em que estará pensando?

Na igualdade fundamental dos seres humanos. A cor da pele, a nacionalidade, a religião, não estabelecem diferenças essenciais entre eles. No fundo são iguais e a maior prova disso pode dá-la a anatomia. É o velho pensamento da família humana universal que toma conta do seu cérebro.

Mas Lázaro não pode facilitar. Deu a palavra ao pai e, além disso, deve corresponder-lhe ao enorme sacrifício, mandando-o estudar em Moscou. Afinal seu genitor não passa de um modesto professor de línguas que melhora um pouco seus poucos vencimentos acumulando as funções de censor das edições em hebraico e iídiche, em Varsóvia.

Por isso Lázaro mantém a palavra dada e aplica-se intensivamente aos estudos médicos.

Mas a sua vocação humanista precisa de expandir-se. E a sua simpatia volta-se para os homens de sua raça, espalhados pelo mundo, perseguidos quase sempre e ansiando por uma terra pátria na Palestina. É o movimento sionista que só triunfaria muito tempo depois. (3)

Entusiasmado por este ideal, ele publica um poema aos hebreus. Mas o seu sionismo não tem nada de agressivo contra as outras raças nem de exaltação exagerada aos méritos dos judeus: é um grito de liberdade, nada mais. Segundo Lázaro, se os judeus precisam de compreensão, eles também têm o dever de compreender as outras raças e distinguir entre massas inocentes e governos opressores. No fundo os judeus também precisam de uma língua universal. É a velha idéia que lhe martela o cérebro de todos os lados.

A mesada que o pai lhe pode mandar é escassa e o jovem universitário faz prodígios para equilibrar o seu orçamento. Após dois anos de permanência em Moscou, a família percebe que a situação é insustentável: por isso Lázaro transfere-se para a Universidade de Varsóvia.

Ei-lo de volta na aprazível capital da Polónia. Seu coração saudoso revê com imensa alegria os familiares e os locais onde passara a primeira juventude. Ruas, árvores, casas, tudo lhe sussurra uma mensagem de poesia e amizade. Foi aqui, nesta querida Varsóvia, que ele alimentou tantos sonhos e um dia, em volta de um bolo, ele e seus companheiros... Ah! quanta saudade daquele entusiasmo, daquele fogo sagrado que lhe iluminava a existência...

Ele viajara para longe, passara dois anos numa famosa metrópole, conhecera tantas pessoas e coisas mas nada viera desmentir a sua velha aspiração por uma

(3) Precisamente a 14 de maio de 1948 com a proclamação do Estado de Israel.

língua universal. Ao contrário, quanto mais passava o tempo, mais se confirmava a necessidade de criar um elo para tornar a unir essa humanidade tão dividida, mas na essência tão igual nos seus problemas e sonhos...

Em Varsóvia, Lázaro sente-se renascer. Na sua casa, em contato com a mãe e a família, o entusiasmo pela vida brota-lhe com mais vigor e ele decide forçar a situação.

Seu pai saiu, seus irmãos também, e na casa silenciosa apenas dona Rosália se ocupa com os arranjos domésticos.

Lázaro chega-se a ela e diz:

— Mãe, preciso falar-lhe...

Pelo tom do filho, dona Rosália pressente que o momento tão temido está próximo.

Algo preocupada, ela responde:

— Então vamos para a sala. Lá é melhor.

Lázaro penetra na sala, vasta e solene, com seus móveis antigos que agora já não lhe parecem tão grandes: ele já é um moço de barba e bigodes, está com vinte e dois anos.

— Mãe, a senhora sabe que antes de partir para Moscou fiz uma promessa ao pai: não me ocupar com a língua universal. Foi muito difícil para mim, mas respeitei a palavra dada. Naquela ocasião entreguei ao pai todo o material da nova língua. Eu gostaria de rever esse material... Onde o pai o guardou?

Bastante perturbada, dona Rosália contém as lágrimas a custo. Interpretando o silêncio dela como resistência ao seu plano, Lázaro insiste:

— Eu bem sei que vocês preferem que primeiro eu termine os estudos de medicina, para depois ocupar-me com o meu projeto... Eu também pensei que isso fosse possível, mas não é, não. Principalmente agora que voltei para cá e tudo que me cerca me dá estímulo redobrado para continuar o que comecei. Agora não tenho mais dúvida mesmo: serei médico, quero ser até

um excelente médico, mas o ideal maior de minha vida é dedicar-me a uma língua só para toda a humanidade...

A muito custo dona Rosália diz:

— Lázinho, papai rasgou os seus manuscritos...

Um silêncio constrangido se interpõe entre os dois. Dona Rosália está chorando.

Ante a solidariedade da mãe, Lázaro abraça-a, beija-a com carinho e, quase conformado, pergunta:

— Mas por que ele fez isso?

— Papai agiu assim, julgando que fosse para o seu bem. O grande receio dele era que a língua universal perturbasse o seu juízo...

Lázaro fica pensativo, de cabeça baixa, olhos fixos no tapete. Sua mente está perplexa. Por que a vida é tão contraditória? Por que ela nos dá momentos de grande alegria e logo após se encarrega de desmanchá-la, trazendo-nos tristeza e decepção?

Mistério... Mas o que é o homem senão uma ilha de incertezas cercada de mistério por todos os lados?

Capítulo VIII

O TRABALHO DE RECONSTRUÇÃO

Após a decepção sofrida com a perda do material lingüístico destruído pelo pai, Lázaro faz um balanço da situação. O objetivo essencial de sua vida continua sendo a criação de uma língua universal. Mas o que resta fazer? Começar tudo de novo, reerguendo tijolo a tijolo a enorme construção que lhe consumira tanto tempo e energia?

E por que não? Memória e dedicação produzem milagres, e dedicação e memória sobram em Lázaro.

Mas primeiro é preciso a liberação da palavra empenhada.

Por intermédio de dona Rosália, o pai cede. Lázaro compromete-se a não divulgar qualquer trabalho lingüístico antes de receber o diploma de médico.

Ei-lo de novo a trabalhar no seu projeto. Sua memória prodigiosa reconstitui sem dificuldade o edifício lingüístico anterior. Ao lado das soluções antigas, novas fórmulas surgem para melhorar a construção. Subitamente uma descoberta: o novo edifício é mais sólido do que o que foi destruído. Nele a memória aproveita apenas o material realmente bom, eliminando o que não tem suficiente solidez. A par disso o esforço mental da reconstituição favorece o surgimento de novos raciocínios e descobertas. Então a intervenção paterna não tinha sido um mal, mas exatamente um bem! Então aquilo que parecera uma infelicidade,

estava sendo na verdade um estímulo para realização mais completa!

Há pouco, falamos em mistério... Mas existem mistérios? ou existe apenas nossa momentânea limitação de compreender?

Cabe aqui abrir um curto parêntese relacionado com os pais de Lázaro.

O desdobrar dos acontecimentos narrados dá a impressão de que só dona Rosália favorece diretamente ao filho, mercê de sua elevação espiritual e solidariedade. Já o professor Marcos parece ser um pedagogo enérgico e distante, amigo da disciplina e alheio a sentimentos mais brandos. Mas não é bem assim. Se a genitora cultiva no filho sentimentos nobres, o pai por sua vez impõe a Lázaro a disciplina indispensável para que o seu idealismo produza resultados concretos. Realmente, de que adiantam sonhos nobres sem uma vontade disciplinada para fazê-los medrar no ambiente material cheio de solicitações de ordem prática?

Um e outro, portanto, contribuem com a sua cota valiosa para a formação espiritual do filho.

Lázaro agora trabalha febrilmente no seu projeto lingüístico, durante o escasso tempo disponível após as horas de estudos médicos. Ainda assim, em julho de 1882, quase um ano após a sua volta a Varsóvia, ele faz a sua primeira tentativa para fundar um grupo sionista. Tentativa que se concretizará somente em agosto do ano seguinte. Lázaro, porém, nunca se tornará um líder do sionismo. Como pode ele advogar a causa de um único povo se o seu sonho é muito mais amplo pois abrange toda a família humana?

Capítulo IX

RECLUSÃO VOLUNTÁRIA

Lázaro atravessa agora uma fase extremamente penosa. Sem descuidar dos estudos de medicina, entrega-se de corpo e alma ao aperfeiçoamento do seu projeto de língua universal. Aquilo que anos antes lhe parecia um instrumento completo de comunicação, é testado agora em inúmeras traduções, evidenciando que nem tudo o que é bom em teoria, funciona a contento na prática. Por isso, ele poda aqui, substitui ali, corrige ou transforma radicalmente acolá.

É um trabalho cansativo que o absorve, afastando-o do convívio social. É um tempo de reclusão, sem diversões, quase sem contatos humanos além dos necessários.

Atormenta-o não apenas a falta de distrações mas principalmente a necessidade de ocultar seus planos e trabalho. Para que atrair, eventualmente, críticas e oposição, se ele quer conquistar um título acadêmico?

Penetremos no quarto de Lázaro e espiemos por trás de seus ombros: está lendo uma poesia que acaba de compor na língua universal. Leiamos com ele:

MEU PENSAMENTO

*No campo, longe do mundo,
numa tarde de verão,
uma moça em nosso grupo
entoa linda canção.
Sobre esperança e desdita
ela canta, lamentando.
Minha ferida, tocada,
está de novo sangrando.*

*"Acaso dorme? Oh! senhor,
por que está assim parado?
talvez por ter-se da infância
com saudade lembrado?"
Que dizer? Minha palavra
não podia ser lastimosa
a uma jovem repousando,
numa tarde cor-de-rosa.*

*Meu pensamento e angústia,
esperanças, decepções!
Quanto de mim em silêncio
foi para vós, doações!
O que eu tinha de mais caro
— a juventude —, chorando
coloquei-o sobre o altar
do dever me convocando.*

*Sinto um fogo no meu peito,
eu viver também desejo,
algo, sem falha, me expulsa,
se nos folguedos me vejo.
Se não agrada ao destino
meu esforço e meu labor,
que a morte venha buscar-me,
esperançoso — sem dor! (4)*

É na feitura de versos, como os acima transcritos, que Lázaro encontra algum desabafo para a reclusão em que voluntariamente se encerrou.

(4) Tradução de W. F. Esta composição está muito distante, artisticamente, de outras poesias do dr. Zaménhof, notadamente a "Prece sob o Estandarte Verde" e "O Caminho", adiante transcritas. Publicamo-la, porém, pelo seu alto valor confessional.

Capítulo X

"IDEALISTA INCORRIGÍVEL"

Corre o mês de janeiro de 1885.

Varsóvia está coberta de neve e agora um vento gelado torna ainda mais penosa a saída à rua. Mas na casa do professor Marcos ninguém está preocupado com isso. O coração de todos está aquecido por uma grande alegria: Lázaro, o filho mais velho, vai receber finalmente o diploma de médico. Doutor Lázaro Luís Samenhof! (5) Com que orgulho o professor Marcos e dona Rosália pensam no título adquirido pelo filho... E com que satisfação eles poderão dizer de hoje em diante a amigos e parentes: "O nosso Lázaro já é doutor..." Este orgulho legítimo dos pais de todas as épocas é ainda mais compreensível no professor Marcos e dona Rosália, porque eles são judeus, e os judeus do Império Russo têm poucas possibilidades de ascensão social.

Enquanto o professor Marcos ajuda os garotos a dar o nó na gravata e dona Rosália cuida do penteado das meninas, Lázaro, já pronto para a cerimônia, está pensativo. Preocupa-o não, enfrentar um rigoroso examinador de matéria médica (ele reenfrentaria com destemor qualquer tipo de exame), mas esse monstro de centenas de cabeças e olhos chamado público! Porque isso de ser chamado nominalmente, de caminhar diante do olhar de todos, de ser alvo da atenção geral durante toda a colação e até depois, positivamente não é com

(5) Leia nota sobre o nome do dr. Lázaro, na página 124.

ele, que é tímido e retraído e por isso prefere a penumbra e o silêncio.

Agora a família já está pronta para sair. Foram contratadas duas carruagens para conduzi-los ao local da cerimônia. Numa delas, acomodam-se os pais e o novel médico; no outro, os demais membros da família.

Enquanto os cavalos avançam lentamente nas ruas cheias de neve, o professor Marcos, bem humorado, diz ao filho:

— Hoje é um dia de grande alegria para mim e para sua mãe... Sua formatura exigiu-nos grandes sacrifícios, mas felizmente você correspondeu. Quero que você continue correspondendo...

— Como assim, pai?

— Refiro-me ao seu projeto de língua universal. Como médico, você deverá ocultar sua ligação com a idéia.

— Não estou entendendo, pai. Combinei com o senhor que enquanto estudasse medicina, não falaria a ninguém a respeito do projeto, mas depois de formado, eu teria plena liberdade para divulgar minha idéia.

— Você deve publicar seu projeto sem usar o seu nome verdadeiro, e sim, um pseudônimo. Um médico que se ligasse a uma idéia tão revolucionária, ficaria prejudicado em seu conceito profissional e você, que pretende começar agora sua carreira, jamais poderia formar a clientela indispensável para o seu sustento...

O jovem reflete um pouco e concorda:

— Realmente, o senhor tem razão.

O pai muda de assunto:

— E quais são seus planos para começar a carreira?

— Pai, a coisa está meio nebulosa... Eu sei que vou clinicar; "onde"?, "com quem?" é que são elas... Uma coisa é certa: a medicina será o meu ganha-pão; mais do que isso, ela me dará a tranqüilidade material necessária para que eu possa cuidar da língua universal.

Ante a firmeza do filho, o professor Marcos, algo desapontado, limita-se a dizer:

— Lázaro, você é um idealista incorrigível.

As carruagens pararam. A família apeia. No salão cheio de luzes, a alacridade dos familiares e o nervosismo dos formandos. Abrem-se as cortinas para o início da sessão. Flores. A chamada. Entrega dos diplomas. Discursos. Todo o cerimonial, enfim, que constitui as festas de formatura em todos os tempos e lugares.

Após a cerimônia, com a família estacionada na entrada do edifício, Lázaro agradece contrafeito os cumprimentos risinhos de um amigo de seu pai. Este foi o trigésimo aperto de mão e outro tanto "muito obrigado" do novel médico. Ele não gosta disto, para ele é um tempo perdido que poderia ser empregado em coisa bem mais útil. De resto, só no começo da festa esteve atento: pouco a pouco o seu espírito foi desligando-se do ambiente e voou para o seu quartinho modesto e silencioso, adejando sofregamente sobre uma pilha de manuscritos...

Aos ares ergamos o verde estandarte,
do bem e do belo sinal.
A força escondida nos seja baluarte
em prol da vitória final.
Quebreiros dos povos os muros malditos,
que ruam por terra, que caiam em gritos:
no mundo dominem, após a maldade,
o amor e a verdade!

O peito vibrando, uni-vos, irmãos!
Avante da paz pelos trilhos.
Ainda que hebreus, muçulmanos, cristãos,
nós todos de Deus somos filhos!
Da sorte dos povos somente lembrados,
vencendo barreiras, fiéis e ousados,
à meta fraterna, constante,
corramos avante!" (17)

Uma prolongada tempestade de aplausos acompanha as últimas palavras do dr. Lázaro que com um lenço enxuga o suor da testa. E enquanto o congresso desdobra os seus trabalhos, os participantes têm a sensação nítida de que uma página extremamente luminosa está sendo escrita, ante seus olhos, no livro da Civilização.

(17) O título deste poema de Zamenhof é "Prece sob o Estandarte Verde", referência à bandeira do Esperanto, que é dessa cor e apresenta uma estrela também verde sobre um quadrado branco, no canto. Conforme a nota 1 da pág. 590 da obra "Originala Verkaro — L. L. Zamenhof", do dr. J. Dietterle, Lipsia, 1929, a última estrofe do poema não foi lida em Boulogne, tendo sido acrescentada posteriormente. A magnífica versão em português é de autoria do prof. dr. Geraldo Mattos.

Capítulo XXIV

INTOCABILIDADE DO ESPERANTO

Boulogne-sur-Mer é um festival de confraternização. Mas sob a guia hábil do advogado Michaux e seus companheiros o congresso há de tornar-se altamente produtivo pela discussão e deliberação sobre questões importantíssimas.

Na manhã seguinte à abertura do certame o dr. Zamenhof reúne-se com os organizadores. O dr. Michaux toma a palavra:

— Dr. Zamenhof, espero que o senhor esteja contente com o êxito de ontem... O senhor alcançou uma vitória extraordinária...

— Qual nada, dr. Michaux. Quem venceu foi o senhor, com o seu espírito de organização... Mas o maior vencedor mesmo foi o Esperanto...

Michaux sorri satisfeito. Realmente ele e seus companheiros prodigalizaram esforços para o êxito da iniciativa, discutindo o plano de trabalho, acertando pormenores, redigindo informações para o público, convencendo as autoridades a favorecerem o certame. A sessão de abertura durou menos de três horas mas as agradáveis emoções perduram no coração de todos e os organizadores acham-se regamente compensados pelo esforço despendido.

Michaux retoma a palavra:

— Dr. Lázaro, o senhor já preparou a Declaração? O interrogado reage à pergunta com uma ligeira

alteração na expressão do olhar e, após curta pausa, responde:

— Sim, está pronta desde ontem.

E percebendo a intenção da pergunta, acrescenta:

— Fique tranquilo, dr. Michaux; acatei as suas ponderações. Mas continuo firme em meu ponto de vista: considerar o Esperanto apenas uma língua, como vocês querem, é uma mutilação...

O dr. Michaux, conhecedor da alma humana e homem prático, não rebate. Ele mesmo está impregnado do sentimento de fraternidade que reina em Boulogne. Mas o progresso do movimento exige uma estratégia adequada. Inteligentemente, ele desvia o assunto, apresentando ao dr. Lázaro uma lauda manuscrita e perguntando-lhe:

— O senhor está de acordo com a ordem do dia para hoje?

O dr. Lázaro se dispõe a ler quando um menino pede licença, em alemão, para solicitar-lhe um autógrafo. A distância os pais do garoto acompanham a cena, sorridentes.

— Sim, eu lhe dou o autógrafo, responde em alemão o dr. Lázaro, mas com uma condição: que você fale Esperanto.

Ante o visível embaraço do garoto, o dr. Lázaro toma-lhe o papel da mão, assina-o e diz-lhe sorrindo:

— Mas não se preocupe, você tem tempo de aprender até o próximo congresso. Está bem?

O garoto agradece e sai correndo.

Esquecido dos problemas do movimento, o dr. Lázaro sente-se agora plenamente feliz, não por vaidade pessoal mas porque toda homenagem prestada à sua pessoa é uma homenagem ao Esperanto.

* * *

Alguns dias depois, o Congresso aprova a Declaração sobre o Esperantismo cujo parágrafo primeiro estabelece:

“Esperantismo é o esforço para divulgar em todo

o mundo o uso da língua neutra que, não se impondo na vida interna dos povos e não tendo de modo algum o objetivo de eliminar as línguas nacionais existentes, daria às pessoas de nações diferentes a possibilidade de compreenderem-se, poderia servir como língua pacificadora nas instituições públicas dos países onde raças diversas disputam entre si a respeito da língua; e na qual poderiam ser publicadas as obras que têm igual interesse para todos os povos. Qualquer outra idéia ou esperança que este ou aquele esperantista liga ao Esperantismo é assunto particular dele, pelo qual o Esperantismo não responde”.

O dr. Lázaro está algo frustrado. Então fraternidade e justiça entre os povos são temas proibidos? Mas ele não vem da Polônia onde a ausência de fraternidade gera tantas tragédias? Então a fraternidade não é um assunto essencialmente prático com reflexo na economia, porque a ausência dela gera a guerra, a destruição e perdas irreparáveis para o edifício social?

Em tudo isso ele medita enquanto o público aplaude a Declaração. Mas, para compensar, o documento lhe atende a importantes aspirações, quando estabelece no parágrafo quarto:

“O Esperanto não tem nenhum legislador pessoal e não depende de nenhuma pessoa particular. Todas as opiniões e obras do criador do Esperanto têm, à semelhança das opiniões e obras de qualquer outro esperantista, cunho absolutamente particular e não obrigatório para ninguém.

“O único fundamento obrigatório de uma vez para sempre para todos os esperantistas é o livrinho “Fundamento do Esperanto”, no qual ninguém tem o direito de fazer modificações. Se alguém se desvia das regras e modelos dados na mencionada obra, nunca poderá justificar-se com as palavras: “Assim deseja ou aconselha o autor do Esperanto”. Toda idéia que não pode ser expressa convenientemente com o material contido no “Fundamento do Esperanto”, qualquer esperantista tem o direito de exprimi-la na forma que achar melhor,

— Exatamente, com a esperança de que ela agrade a todos os paladares. Mas o meu forte é o tempero...
A jovem fita, curiosa, ao seu interlocutor. O dr. Lázaro sorri por sua vez e esclarece:

— Refiro-me à gramática. Reduzi-a a apenas dezesseis regras, assimiláveis em poucos minutos.

— E a pronúncia é difícil? Na minha primeira leitura você já me corrigiu...

— Facilíma. Em todas as palavras o acento cai na penúltima sílaba... Aliás a língua toda é muito fácil, principalmente se comparada com os idiomas naturais. Eu acredito que, sendo publicada, ela ganharia imediatamente um grande número de adeptos. O problema é que não acho editor. Ninguém quer arriscar dinheiro...

Exposto o supremo ideal de sua vida, o dr. Lázaro está tranqüilo. Agora ele aguarda que a jovem se manifeste.

Após alguns instantes de silêncio, Clara toma a palavra:

— Não estou entendendo, Lázaro. Quando você disse que me revelaria algo, eu pensei, pelo seu tom, que fosse algo... algo... como dizer?... diferente! Mas você me falou de uma língua internacional... Em que esse projeto pode se interpor entre nós?

— Clara, eu quero que você compreenda o seguinte: eu tenho uma profissão, sou médico oculista, mas minha mentalidade é diferente da comum: eu não pretendo enriquecer... Quero lutar pelo meu ideal, você compreende? E quem se unir a mim, não irá passar fome certamente, mas também não viverá na fartura...

A moça reflete um pouco e, depois, diz convicta:

— Se o impedimento é só esse, para mim não existe.

— Em todo caso, aconselhe-se com seus pais. Eu gosto muito de você mas não quero forçar nada...

Pouco depois, os jovens se despedem.

Clara está feliz e absolutamente tranqüila, anteendo para breve a concretização dos seus sonhos. Mas

o dr. Lázaro preocupa-se. Não teria sido melhor calar-se a respeito do seu projeto? Porque agora o namoro parece arruinado: os pais de Clara são comerciantes, pessoas práticas, jamais aprovarão um idealista para marido de sua filha.

Que espécie de ventos soprarão agora na vida do dr. Lázaro?

Revoltado contra essa barbaria mas lúcido na apresentação das idéias que há muito fervilham em sua mente, o dr. Lázaro lança em janeiro de 1906 os princípios do "Hilelismo", simultaneamente no jornal "Esperantista Russo" e em brochura à parte. O nome do autor não aparece porque ele não quer se confunda Hilelismo com Esperantismo. O nome do seu conjunto de princípios morais ele o formou de "Hilel", antigo sábio da Palestina que foi contemporâneo de Jesus e morreu dez anos depois d'Ele, como presidente do Sinédrio. Já no número seguinte do "Esperantista Russo" é proposto o termo "Homaranismo" para substituir "Hilelismo". "Homarano" em Esperanto quer dizer: "membro da família humana".

Os dogmas do Homaranismo são os seguintes:

1. Eu sou homem e para mim existem apenas ideais puramente humanos; todos os ideais e objetivos raciais considero-os apenas egoísmo de grupo e mais cedo ou mais tarde devem desaparecer;
2. Creio que todos os povos são iguais e avalio cada pessoa pelo seu valor pessoal e conduta, mas não pela sua origem;
3. Creio que cada país pertence não a esta ou aquela raça mas, em condições de plena igualdade, a todos os seus habitantes, qualquer que seja sua língua ou religião;
4. Creio que na sua vida doméstica todo ser humano tem o direito de falar a língua ou o dialeto que quiser, mas em contato com outros seres humanos de outra origem ele deve, sempre que possível, usar uma língua neutra e viver pelos princípios de uma religião neutra;
5. Por minha pátria designo o estado onde nasci ou no qual me estabeleci para sempre. Nunca devo designar por minha pátria uma parte do estado onde nasci ou de estado estrangeiro, só porque lá habita a maioria dos de minha raça ou porque lá eles outrora governaram. Não devo designar minha pátria ou região

dela pelo nome de alguma raça, mas devo designá-las apenas por um nome geográfico neutro;

6. Como patriotismo ou serviço à pátria considero apenas o serviço para o bem de todos os meus cidadãos, qualquer que seja sua origem, língua ou religião; o serviço feito em benefício de interesses raciais, língua ou religião dos habitantes que formam a maioria, nunca devo considerá-lo patriotismo;

7. Eu tenho consciência de que nos países onde a população é mais ou menos de uma só raça ela não compreenderá durante longo tempo a injustiça de predominar uma só língua ou religião sobre as outras e batalhará com todas as forças contra a igualdade de direitos de todas as línguas e religiões, perseguindo e cobrindo de infâmia os defensores desta igualdade. Mas nunca me perturbarei com essa perseguição, lembrando que luto pela verdade absoluta e pela justiça;

8. Por minha nação designo a totalidade das pessoas que habitam minha pátria, qualquer que seja sua origem, língua ou religião, mas à minha nacionalidade devo acrescentar sempre a palavra "homaranista" para mostrar que me ligo à minha nação sem chauvinismo; (18)

9. Por minha língua designo a que melhor conheço e falo preferentemente, mas ao nome dela devo sempre acrescentar "homaranista" para mostrar que não a considero como um ídolo e que meu ideal é uma língua neutra;

10. Designo por minha religião aquela em que nasci, ou na qual estou inscrito oficialmente, mas ao nome dela devo acrescentar sempre o termo "homaranista", para mostrar que a professo pelos princípios religiosos do Homaranismo, que consistem no seguinte:

(18) Nacionalismo exagerado. Albert Dauzat, em seu excelente "Dicionário Etimológico", informa que o vocábulo "chauvinismo" deriva do nome de Nicolas Chauvin, soldado do Império, patriota ingênuo, posto em cena em "A Bandeira Tricolor" (1831). Por ser de origem francesa, a pronúncia correta dessa palavra é "chovinismo".

a) Pelo nome "Deus" designo a Força incompreensível para mim e altíssima que rege o mundo e cuja essência tenho o direito de esclarecer para mim como dita minha sabedoria e coração;

b) Considero lei fundamental de minha religião a regra: "Faze para os outros o que desejais que os outros façam para ti e escuta sempre a voz da tua consciência"; tudo o mais de minha religião considero apenas como lendas ou costumes religiosos que foram introduzidos por homens, para dar à vida um programa definido e calor espiritual, e cujo cumprimento ou não cumprimento depende do meu desejo pessoal;

c) Tenho consciência que cada pessoa pertence a esta ou àquela religião tradicional não porque ela corresponde idealmente às suas convicções pessoais, mas apenas porque nasceu nela, e que a essência de todas as religiões é a mesma e elas se distinguem entre si apenas por lendas e costumes, que não dependem de escolha pessoal. Por isso tenho consciência de que não se pode louvar ou censurar a alguém por causa da sua religião tradicional, e que boas ou más ações de uma pessoa dependem não de sua religião mas somente dela própria e das circunstâncias de sua vida. E como os costumes religiosos, que representam a única diferença entre uma religião e outra e a causa única do ódio religioso entre as pessoas, foram dados não por Deus mas por seres humanos, eu devo colaborar para que, por meio de uma constante comunicação recíproca entre os homaranistas de religiões diversas, os diferentes costumes religiosos de todos os homaranistas cedam lugar a costumes comuns e neutros;

11. Quando em minha cidade tiver sido fundado um templo homaranista, deverei frequentá-lo o mais possível, para reunir-me fraternalmente com homaranistas de outras religiões, organizar com eles costumes e festas neutras e colaborar assim para a elaboração de uma religião comum filosoficamente pura, mas ao mesmo tempo bela, poética, vívida e reguladora da vida, que os pais poderão transmitir aos filhos, sem hipo-

crisia. No templo homaranista ouvirei as obras dos grandes instrutores da humanidade sobre a vida e a morte e a relação do nosso eu com o universo e a eternidade; conversações ético-filosóficas, hinos edificantes, etc. Este templo deve educar os jovens para tornarem-se defensores da verdade, bondade, justiça e fraternidade universal, criar-lhes o amor ao trabalho honesto e aversão à verborragia e a todos os vícios degradantes; este templo deve dar repouso espiritual aos velhos, consolar aos que sofrem, possibilidade de aliviar a consciência àqueles que estão oprimidos por algo, etc.;

12. Considero homaranistas todos os que subscreveram a "Declaração de Homaranista" e inscreveram-se em um dos templos ou grupos homaranistas existentes.

* * *

No mesmo ano de 1906, no segundo Congresso Universal de Esperanto, realizado em Genebra, o dr. Lázaro aborda, em sua oração oficial, problemas morais. Reportando-se ao pogrom de Bialistoke, ele não culpa os russos pela carnificina de judeus, mas um pequeno grupo de criminosos que, aplicando a fórmula "divide ut imperes" (19), semeiam calúnias, discórdias e o ódio inter-racial. Certamente uma língua neutra universal não transformaria os homens em anjos; mas permitindo o conhecimento mútuo entre as raças, evitaria tantos crimes selvagens que a História permanentemente registra.

Em seguida, ele comenta a Declaração sobre o Esperantismo, alertando que esperantista não é só a pessoa que sonha unir a humanidade pelo Esperanto mas também a pessoa que usa o Esperanto exclusivamente para fins práticos. Não está certa, porém, a interpretação de alguns pela qual o Esperanto é apenas uma língua e deve, assim, ficar desligado de qualquer ideal. Desde o seu nascimento o Esperanto tem como ideal a fraternidade e a justiça entre todos os povos. Foi esse objetivo que levou o criador do Esperanto a tantos sofrimentos e sacrifícios, inclusive a não re-

(19) Expressão latina que significa: "Divide para reinar".

servar para si direitos autorais sobre a língua. Ele cita ainda como exemplos de idealismo a coragem dos primeiros adeptos suportando a zombaria do público; o sacrifício de uma professora pobre que passava fome a fim de reservar algum dinheiro para a propaganda do Esperanto; as cartas de pessoas presas ao leito de morte, confessando ser o Esperanto o único consolo de sua vida prestes a findar...

E por que o Congresso de Boulogne-sur-Mer entusiasmou tanto os participantes? Não foi pelas distrações, peças de teatro, números de canto, eloquência ou utilidade prática da língua mas pela idéia interna do Esperantismo, que todos sentiram no coração. Todos sentiram que começou a queda dos muros entre os povos. Todos perceberam que o desaparecimento desses muros ainda está muito distante; mas sentiram igualmente que foram testemunhas do primeiro golpe violento contra essas barreiras.

O discurso do dr. Lázaro é, em resumo, a análise lúcida de um comandante que descortina o panorama da guerra e comenta com entusiasmo a vitória alcançada na última batalha.

Capítulo XXVI

CONTRA OS ULTRANACIONALISTAS

O tempo é escasso para o dr. Lázaro. De manhã atende os doentes pobres que formam fila junto ao seu consultório. Depois do almoço recebe os pacientes que podem pagar. E à noite dedica-se ao trabalho pelo Esperanto: correspondência, traduções, obras originais, artigos para jornal, circulares.

Nessa roda-viva, ei-lo já preparando as malas para o terceiro Congresso Universal a realizar-se em Cambridge, Inglaterra, em agosto de 1907.

Aqui também pronuncia um discurso memorável. Reporta-se inicialmente ao preconceito de que os povos de língua inglesa seriam contrários a uma língua neutra internacional. Grande falsidade! O brilho do atual congresso é o maior desmentido a isso.

Em seguida, após uma palavra de saudade aos esperantistas falecidos, refere-se ao vigésimo aniversário do Esperanto, recentemente comemorado. Como foram penosos os dez primeiros anos de sua existência! Agora, no entanto, tudo é mais tranqüilo porque "a natureza, que durante longo tempo lutou contra nós, luta agora por nós, pois essa mesma força de inércia, que por longo tempo atrapalhou cada nosso passo, ela própria nos empurra agora para a frente. Ainda que quiséssemos parar agora, já não poderíamos".

Passando à parte principal de seu discurso o dr. Lázaro propõe esta questão: Para que nos reunimos em congresso?

Ele mesmo responde: "Não é para discutir questões lingüísticas, nem para praticar Esperanto, mas para fazer propaganda, para ter a alegria de ver companheiros, para estimular em nós, por meio do contato pessoal, o amor e o entusiasmo pela idéia que o Esperantismo contém". E aborda de novo a idéia interna do movimento, que ele agora define de maneira precisa: "Nós desejamos criar um fundamento neutro sobre o qual as diversas raças humanas poderiam pacifica e fraternalmente comunicar-se, não impondo uma à outra suas particularidades raciais".

E mais adiante: "Tudo o que conduz ao rompimento dos muros entre as raças pertence ao nosso congresso... Assim, sem nenhuma intenção de interferência, pode-se propor aos nossos congressos sistemas internacionais para a comodidade e neutralidade das relações internacionais, como por exemplo: sistema monetário, de horas, calendário, etc... Talvez se proponha para nós a organização de algumas festas inter-raciais, que existiriam paralelamente com as festas particulares de cada raça e igreja e serviriam para unir fraternalmente os povos".

É sempre o apóstolo da confraternização que fala, semeando idéias claras e construtivas.

* * *

Após o Congresso de Cambridge o dr. Lázaro é recebido no Guildhall de Londres. Lá ele tem ocasião de rebater à crítica de que os esperantistas são maus patriotas, mostrando que o verdadeiro patriotismo faz parte do grande amor universal que tudo constrói, conserva e felicita. Pelo contrário, é o patriotismo mal compreendido, baseado no ódio ao que não é nacional, que presta desserviços à humanidade e à própria pátria. É neste ponto que ele lança indignada apóstrofe aos chauvinistas: "Qualquer pessoa pode falar-nos sobre amor de qualquer espécie, e nós a ouviremos com gra-

tidão; mas quando nos falam sobre amor à pátria chauvinistas — esses representantes do ódio desprezível, esses trevosos demônios que constantemente instigam seres humanos contra seres humanos não só entre as nações mas também em sua própria pátria — então nós lhes voltamos as costas com a maior indignação. Vós, negros semeadores de ódio, falai apenas de ódio para com aquilo que não é vosso, falai sobre egoísmo, mas nunca empregueis a palavra *amor*, porque em vossa boca a santa palavra *amor* fica poluída".

É mais uma lição que o dr. Lázaro dá, cheia de verdade e clareza, válida para todos os tempos e lugares.

Capítulo XXVII

O CASO DA "DELEGAÇÃO"

No ano de 1900, graças à adesão de associações e professores universitários, Leau e Couturat, professores de Filosofia em colégios de Paris, fundaram a "Delegação para adoção de uma Língua Internacional". O programa da entidade era: divulgar a idéia de uma língua internacional neutra para ser usada nos contatos entre pessoas de idiomas nacionais diferentes; convidar a Associação Internacional das Academias a tornar efetivo o projeto de língua auxiliar; escolher uma comissão com a tarefa de substituir a Associação se esta não aceitasse a incumbência.

Reunida em 29 de maio de 1907 em Viena, a Associação das Academias estudou a proposta assinada por 310 sociedades e 1250 professores universitários e cientistas, concluindo por declarar-se incompetente para decidir sobre um problema "a ser resolvido pela própria vida".

Diante dessa decisão, Leau e Couturat propõem às sociedades uma lista de candidatos para integrarem a comissão, sendo eleitos doze membros e dois secretários. A comissão fica assim constituída: prof. Jespersen, de Copenhague, e Baudoin de Courtenay, da universidade de São Petersburgo (lingüistas); prof. Barrios, de Lima, e Bouchard, de Paris (médicos); reitor Boirac, de Paris (filósofo); prof. Eotvos, de Budapest (matemático); prof. Forster, de Berlim (astrônomo); prof. Ostwald, de Lípsia (químico); Schuchardt, de Graz (filósofo); Lambros, de Atenas (historiador); Le Paige, administrador da universidade de Liege; e o coronel Harvey, de Nova York (editor). Depois a própria co-

missão elege a W. T. Stead, editor da "Review of Reviews"; Peano, professor de Matemática na Universidade de Turim; e Rados, da Academia Húngara de Ciências (este em lugar de Eotvos, que se demitira). Os secretários são Leau e Couturat.

O dr. Lázaro está preocupado com o andamento da iniciativa. Se a Associação das Academias resolvesse enfrentar o problema da língua internacional, ele se inclinaria diante de uma decisão partida de instância tão respeitável, ainda que tal decisão não favorecesse o Esperanto. Mas que força terá perante cientistas, governos e opinião pública a decisão tomada por uma simples comissão, embora constituída de membros tão eminentes?

A comissão se reúne em Paris, de 15 a 24 de outubro de 1907 e ouve inicialmente os autores de diversos projetos de línguas planejadas: dr. Nicolas, Bolak, Spitzer e Monseur, que falam respectivamente sobre Spokil, Língua Azul, Parla e Idiom Neutral. O Esperanto é defendido por Beaufront, que representa o dr. Lázaro. A seguir, Couturat apresenta um projeto sem nome, subscrito pelo pseudônimo Ido, que não passa de um Esperanto reformado. Numa outra sessão ocorre um fato estranho para os que estão de fora: Beaufront, o advogado do Esperanto, responde às críticas formuladas contra o Ido. Finalmente, decide-se emitir a seguinte resolução: "A Comissão declarou que as discussões teóricas estão encerradas e elegeu a Comissão Permanente cuja primeira tarefa será estudar e fixar os pormenores da língua a ser adotada. Fazem parte desta comissão os senhores Ostwald, Baudoin de Courtenay, Jespersen, Couturat e Leau. A Comissão decidiu que nenhuma das línguas examinadas pode ser adotada *em bloco* e sem alterações. Ela decidiu adotar, em princípio, o Esperanto, pela sua relativa perfeição e pelas muitas e diversas aplicações já recebidas por ele, sob a condição de serem feitas algumas modificações pela Comissão Permanente, no sentido definido pelas conclusões do relatório dos secretários e pelo projeto

Ido, buscando-se um acordo com a Comissão Lingüística esperantista. Finalmente ela decidiu incluir o sr. Beaufront, devido à sua especial competência".

Esta decisão é comunicada em 2 de novembro ao dr. Lázaro e ao presidente da Comissão Lingüística, com o pedido de uma resposta à Comissão Permanente até o dia 5 de dezembro.

O prazo é muito curto para que todos os membros sejam consultados. Além disso ocorrem dúvidas: o projeto Ido e a posição de Beaufront não são claros. Nesse meio tempo a revista "Lingvo Internacia" inicia uma polêmica contra a "mania das reformas". Finalmente a 18 de janeiro de 1908 o reitor Beirac, presidente da Comissão Lingüística escreve à Comissão Permanente para informar-lhe que não há possibilidade de acordo, em vista da manifestação desfavorável da maioria dos seus presididos. No mesmo dia o dr. Lázaro publica uma circular a todos os esperantistas, comunicando o fim das negociações com a Delegação. E a 29 de janeiro, respondendo a uma carta de Couturat, nega-lhe autorização para chamar "Esperanto simplificado" à língua proposta pelo anônimo Ido.

Pouco tempo depois, o número de maio de "L'Espérantiste" publica uma declaração de Beaufront confessando ser Ido, o autor do projeto homônimo.

* * *

Como não pode deixar de ser, o desfecho do caso "Delegação" e a traição de Beaufront desgostam profundamente ao dr. Lázaro. A Língua Internacional surgira para unificar os homens e não para provocar cismas. No entanto, aí estava o Esperanto de um lado e o Ido do outro — forças opostas a se digladiarem em batalhas verbais. Antes do rompimento com a Delegação, o dr. Lázaro, fiel à sua vocação pacificadora, tudo fizera para harmonizar as partes em conflito, chegando mesmo a patrocinar um projeto de reforma do Esperanto. Mas tudo fora em vão! Agora resta-lhe observar, impotente, as violentas polêmicas em que se engalfinham os

adeptos de uma língua criada para a pacificação universal... Felizmente o conflito vai aos poucos perdendo a intensidade porque os adeptos do Esperanto, cientes da superioridade de sua língua, passam a olhar com indiferença crescente para o Ido, confiando em que o Tempo se torne, como em tudo, o Grande Juiz.

O dr. Lázaro faz agora um balanço da situação. Uns poucos adeptos — os amigos de reformas — aderiram ao Ido. Mas a maioria permanece fiel. E que possibilidades de expansão tem o Ido? Muito poucas. Não passando de um Esperanto transformado, perdeu a severa coerência da língua original.

Por outro lado a crise fortaleceu o Esperanto porque demonstrou que toda ingerência de instituições estranhas ao movimento é-lhe daninha. O Esperanto deve impor-se ao mundo por si, de maneira natural, isto é, pelos neologismos e arcaização.

A tempestade pôs em perigo a embarcação e acarretou-lhe alguns danos materiais. Mas o Esperanto navega agora tranquilo e seguro porque deixou a zona das tempestades e achou definitivamente o seu rumo:

*No meio da treva, nosso alvo fulgura,
Cobrindo o caminho de luz.
É como, na noite mais lúgubre e escura,
A estrela que orienta e conduz.
Que importam fantasmas, por entre o arvoredo,
Motejos, fracassos? Seguimos sem medo,
Pois claro, direto, real, definido
É ele, o caminho escolhido.*

*Unidos, tenazes, sigamos avante
Na luz que nos vem do infinito,
Pois mesmo minúscula gota, constante,
Consegue romper o granito,
Com a força que vem de vontade obstinada,
Paciência e esperança, prossegue a jornada,
E é certo que, enfim, chegaremos, um dia,
A um mundo de paz e harmonia.*

*Sementes que vamos lançando no mundo,
As vezes, são vaga promessa...
E muitas se perdem no solo infecundo,
Mas nosso trabalho não cessa.
"Oh! Pára!" — nos dizem alguns pela rua,
Mas o coração só nos diz: "Continua!
Semeia, semeia, que o fruto virá!
Teu neto te agradecerá!"*

*Se a seca se alonga, se folhas fenecem
E súbito vento as carrega,
Nós logo sentimos renovos que crescem,
E um verde mais vivo que chega.
O nosso punhado de bravos não cansa.
É árido o mundo, mas grande a esperança,
Da estrela nos guia o fulgor permanente
Ao alvo que temos em frente.*

*Unidos, tenazes, sigamos avante
Na luz que nos vem do infinito,
Pois mesmo minúscula gota, constante,
Consegue romper o granito.
Com a força que vem de vontade obstinada,
Paciência e esperança, prossegue a jornada,
E é certo que, enfim, chegaremos, um dia,
A um mundo de paz e harmonia (20).*

(20) Este poema intitula-se "La Vojo" ("O Caminho") e é de autoria do dr. Zamenhof. A excelente versão em português é do prof. Sylla Chaves, tendo sido transcrita do livro "Por um Mundo Melhor Através da Poesia e do Esperanto", editado pela Fundação Getúlio Vargas e escrito pelo referido professor.

Capítulo XXVIII

NA ALEMANHA

Pontualmente, uma vez por ano, realizam-se os congressos universais. É uma grande festa para os adeptos da Língua Internacional que vão lá buscar inspiração e reforçar o seu entusiasmo pela nobre causa. Mas os certames não são apenas turismo e reuniões emotivas: favorecem também importantes decisões e normas de trabalho comum para os adeptos espalhados pelo mundo.

Em 1908 o dr. Lázaro vai a Dresde, para o 4.º Congresso, onde, no discurso de abertura, após reportar-se aos desagradáveis acontecimentos relacionados com a Delegação, adverte aos esperantistas que tudo pode ser obtido para a causa, mas somente por meio da harmonia e da constância. Na verdade, seu coração está pesaroso pelo desfecho do caso da Delegação, mas que compensação ele está colhendo na bela cidade alemã...

O patrocínio do certame pertence ao rei e ao ministério da Saxônia. Os governos japonês e americano fazem-se representar. A Cruz Vermelha também manda um representante para o qual se organiza curiosa demonstração: cinquenta padioleiros e alguns oficiais médicos fazem um exercício de assistência médica a feridos de várias nacionalidades, mediante o uso da Língua Internacional.

Na parte artística está ocorrendo um teste decisivo para o valor cultural do Esperanto. Os famosos atores

Emanuel e Hedwig Reicher vão representar a tragédia "Ifigênia em Táuride", em versão esperanta. Num camarote do Teatro Real o dr. Lázaro é um espectador atento. Como se comportarão os artistas no uso de uma língua recentemente aprendida? O dr. Lázaro teme que eles deturpem o Esperanto e o público saia insatisfeito do teatro. Mas o temor se desfaz imediatamente: a clara dicção dos intérpretes favorecida pela sua poderosa memória dissipa as dúvidas do dr. Lázaro e faz com que o público, ao final da representação, esqueça o veículo lingüístico e aplauda arrebatado a genial criação dramática de Goethe!

* * *

A Comissão Lingüística reúne-se periodicamente durante o certame, aceita seu novo regulamento e cria a Academia de Esperanto, para racionalizar seu trabalho.

O Congresso decide também criar um instituto para cuidar dos exames internacionais e atribuir diplomas a professores de Esperanto.

Após o certame o dr. Lázaro aproveita a sua estada na Alemanha para fazer viagens curtas a Meissen, Wehlen, Chemnitz, Weisser Hirsch, Loschwitz e Berlim. Por toda parte encontra adeptos, por toda parte prestam-lhe homenagens que ele, pessoalmente, gostaria de evitar, mas lhe enchem o coração de alegria por ver nelas a consagração do seu ideal.

Capítulo XXIX

NA ESPANHA

Ano após ano os congressos universais vão trazendo novos progressos ao movimento, além de constituírem um poderoso veículo de propaganda para o Esperanto. Para essas reuniões periódicas dos adeptos o dr. Lázaro prepara cuidadosamente os seus discursos, consciente do seu papel de corifeu do movimento, embora ele prefira sentar-se entre os espectadores a ficar diante deles. Mas como pode furtar-se a discursos e homenagens, diante da impossibilidade de manifestarem os homens sua simpatia e entusiasmo por algo abstrato? O dr. Lázaro encarna o Esperanto, é o seu símbolo vivo, os interesses do movimento exigem-lhe mais esse sacrifício.

Por ocasião do Congresso de Barcelona, em setembro de 1909, a situação política local é agitada. Alguns dias antes da abertura do conclave, explode uma rebelião na cidade. As forças da ordem patrulham as ruas. Aos visitantes esperantistas, muros de igreja danificados denunciavam em silêncio a violência das bombas. Mesmo assim o Congresso se reúne. Sob a presidência de honra do soberano espanhol, Afonso XIII. Sob o patrocínio de todos os ministros da Espanha. E com o convite formulado pelo chanceler espanhol aos governos amigos, para que se façam representar no conclave. Em consideração ao qual, Bélgica, México, Noruega e Estados Unidos enviam representantes oficiais.

O Congresso de Barcelona destaca-se na parte literária: o Teatro Nacional apresenta em Esperanto o drama "Mistério de Dor", de Adria Guàl, e realizam-se segundo o costume catalão os primeiros jogos florais na Língua Internacional, com a coroação dos vencedores nos concursos de poesia e prosa. Mas é na reunião da Associação Universal de Esperanto, realizada no programa do Congresso, que o dr. Lázaro colhe mais alegria, pois a AUE, fundada por particulares no ano anterior, para ligar os esperantistas pela prestação desinteressada de serviços mútuos, representa a concretização verdadeira do Esperantismo e a resposta à Declaração oficial de Boulogne, para a qual o Esperanto é apenas uma língua e nada mais...

Capítulo XXX

NOS ESTADOS UNIDOS

Esperanto é comunicação e comunicação inclui viagens. Graças à Língua Internacional o dr. Lázaro já conhece quase toda a Europa e agora prepara-se para visitar os Estados Unidos, em cuja capital vai realizar-se o 6.º Congresso.

Dúvidas assaltam o dr. Lázaro. Será que a América já oferece condições para a realização de um congresso? Não será muito jovem o movimento local para tamanho empreendimento? É que até este ano, 1910, o Esperantismo tem sido um movimento essencialmente europeu por sua origem, localização e uso principal da língua. O Congresso de Washington será, portanto, um teste que mostrará a penetração das raízes da árvore esperanta no solo de outro continente. Com esta dificuldade: o país-sede não tem interesse direto numa solução do problema lingüístico por meio do Esperanto, porque em seu grande território milhões de pessoas das mais diversas procedências e conservando em seus lares, durante uma ou mais gerações, o idioma da sua terra de origem, comunicam-se numa língua comum, a mais difundida no planeta.

Mas o teste oferece resultado positivo: cerca de 300 esperantistas americanos dão as boas-vindas a 80 colegas europeus. Além disso, onze governos enviam delegados: Brasil, China, Costa Rica, Equador, Espanha, Estados Unidos, Guatemala, Honduras, México, Pérsia e Uruguai, assim como quatro estados americanos: Carolina, Flórida, Luisiana e Óregon.

O discurso do dr. Lázaro é um dos mais expressivos já feitos por ele, pela clarividência com que trata do futuro do Esperanto.

"O objetivo pelo qual trabalhamos", diz ele, "pode ser atingido por dois caminhos: ou pelo trabalho das massas populares ou por decreto dos governos. Muito provavelmente o nosso objetivo será alcançado pelo primeiro caminho, porque a um assunto como o nosso os governos chegam com sua sanção e ajuda somente quando tudo está preparado".

"E qual seria a consequência se um grande poder, como por exemplo os governos das nações, quisesse achar a solução para o problema da língua internacional? Muito provavelmente os membros da comissão eleita pelos governos para decidir que língua deveria tornar-se internacional raciocinariam da seguinte maneira: Existe uma língua planejada que se mostrou totalmente viável, funciona muito bem, conserva-se já há muitos anos, criou uma grande literatura, elaborou a sua índole e vida, etc.; por isso, em lugar de fazer sem nenhuma necessidade e objetivo novas tentativas arriscadas, aceitemos simplesmente o que existe, demos a isso o apoio da autoridade dos governos que representamos e então o eterno problema estará de imediato resolvido e toda a humanidade civilizada compreender-se-á reciprocamente".

E se essa comissão resolver fazer mudanças no Esperanto?

Se isso acontecer, "essas mudanças só poderão ser extremamente pequenas, nunca poderão romper a continuidade com o que até agora tivemos, e nunca anularão o que até agora fizemos, estamos fazendo ou faremos depois".

"Isto que eu disse não é nenhuma autoconfiança própria de autor, porque eu admito e confesso abertamente que, para mudar algo na evolução natural do assunto da língua internacional, eu sou tão impotente como qualquer outra pessoa". "As raízes esperantas da árvore da Língua Internacional já penetraram tão fun-

damente no terreno da vida, que já não pode qualquer interessado mudar as raízes ou deslocar a árvore a seu bel-prazer". E num fecho de validade permanente: "Podemos, portanto, trabalhar com tranquilidade; não devemos ficar tristes se nosso labor é às vezes muito difícil e ingrato; do nosso lado encontra-se não só o fogo dos nossos sentimentos, do nosso lado encontram-se também as leis irrefutáveis da lógica e prudência. Pacientemente, semeemos e semeemos, para que nossos netos tenham algum dia uma colheita abençoada".

O dr. Lázaro não é orador, mas seu discurso é mais uma amostra de que ele sabe defender com mestria a causa que defende.

Capítulo XXXI

PARA O "CONGRESSO DAS RAÇAS"

De 26 a 29 de julho de 1911 realizar-se-á em Londres um "Congresso de Raças". Batalhador incansável da confraternização universal, o dr. Lázaro pressente no conclave uma boa oportunidade para semear suas idéias. Não podendo ir pessoalmente, envia uma memória sob o título "Os povos e a Língua Internacional".

"Qual é a causa principal, e talvez única, do ódio entre os povos?", pergunta ele no início do seu escrito. E ele mesmo responde: não são circunstâncias políticas. Por exemplo, um alemão nascido na Alemanha não sente ódio contra um alemão da Áustria, ao passo que alemães e eslavos, nascidos no mesmo país, olham-se como estranhos e — se o sentimento de humanidade não supera neles o egoísmo de grupo — eles se odeiam e combatem mutuamente.

Seria a concorrência econômica?

Mas esta ocorre dentro de cada país, com regiões mais desenvolvidas e outras menos; com classes abastadas e outras sem recursos.

Seria a distância, desigualdade das circunstâncias geográficas e climáticas?

Não, porque dentro de um mesmo país ocorrem essas diferenças que não impedem a solidariedade entre os seus habitantes.

Seria o fato de que povos e raças se diferenciam pelas características corporais?

Não, porque também essas diferenças existem dentro de uma mesma raça ou povo.

Seria a desigualdade mental?

Não, porque ela depende das circunstâncias em que vive o indivíduo. O povo selvagem de hoje, em circunstâncias favoráveis, pode tornar-se civilizado amanhã. Assim como o indivíduo civilizado, posto em circunstâncias desfavoráveis, pode degradar-se e regredir.

Seria a desigualdade de origem?

Mas ante o constante cruzamento racial, quem pode provar a sua origem?

"Qual é, portanto, a verdadeira causa da separação e do ódio entre os povos?"

"Apenas a desigualdade das línguas e religiões. Principalmente a língua tem tão grande e quase exclusiva influência que em alguns idiomas as palavras *língua* e *povo* são sinônimos perfeitos entre si. Se dois indivíduos falam a mesma língua, sem humilhação recíproca, com iguais direitos sobre ela, e graças a ela não só se compreendem mas têm a mesma literatura, a mesma educação, os mesmos ideais, a mesma dignidade humana e direitos; se eles, além disso, têm o mesmo *Deus*, as mesmas festas, os mesmos costumes, as mesmas tradições, o mesmo modo de vida: então eles sentem-se irmãos entre si, então sentem que pertencem a um só povo".

Conclusão principal: "A separação e o ódio entre os povos desaparecerão apenas quando toda a humanidade tiver uma só língua e uma só religião. Continuarão ainda essas diversas discórdias que existem dentro de cada nação ou povo, como discórdias políticas, partidárias, econômicas, de classe, etc.; mas a mais terrível de todas as discórdias, o ódio entre os povos, desaparecerá por completo".

Como atingir a unificação religiosa?

O dr. Lázaro esquiva-se de responder, porque esse não é o tema de sua memória e porque essa unificação já começou há muito tempo por si mesma e progride lentamente, devido a circunstâncias ocasionais. De res-

to a unificação religiosa está intimamente ligada à unificação lingüística. É indubitável que quanto mais os homens se comunicarem num fundamento lingüístico neutro, quanto mais sua literatura, idéias e ideais se unificarem por essa língua a que todos têm igual direito e não pertencente a nenhum povo, tanto mais depressa eles também se assimilarão reciprocamente no campo religioso”.

Todo o problema da unificação da humanidade e do desaparecimento do ódio entre os povos, concentra-se nisto: para as relações internacionais deve-se usar uma língua neutra, de fácil aquisição para todos, pertencente a todos em igualdade de direitos.

Essa língua neutra pode existir?

Sim, porque ela já existe há muito tempo. Não só existe, mas funciona bem e desempenha a contento o papel de elemento confraternizador entre os povos e eliminador de todos os muros e ódio internacional. Quem quer convencer-se disso, visite um dos congressos anuais de esperantistas, conclui o dr. Lázaro.

* * *

Pouco depois, de 18 a 27 de agosto, ele encontra-se em Antuérpia, na Bélgica, para o 7.º Congresso. Ali o espera uma das mais singelas e tocantes homenagens que jamais lhe prestaram: após subir, com sua mulher, na carruagem que os levará ao local do conclave, congressistas ingleses desatrelam o cavalo e segurando os varais puxam o veículo até o local da convenção!

Sensibilizado, o dr. Lázaro medita na grandiosidade do ideal esperantista, capaz de dissolver preconceitos seculares, arraigados em falsas superioridades.

Capítulo XXXII

DESPEDINDO-SE DA LIDERANÇA

Em agosto de 1912 o dr. Lázaro encontra-se em Cracóvia, antiga capital polonesa, para o 8.º Congresso, onde irá entoar o canto do cisne.

Ao dirigir-se aos congressistas no seu tradicional discurso de abertura, comenta de início o jubileu de prata do Esperanto, recentemente transcorrido.

“Há vinte e cinco anos eu me perguntava temeroso se após vinte e cinco anos alguém no mundo saberia ainda que existiu outrora o Esperanto e — se o Esperanto vivesse — se ainda se pudesse compreender algo que tinha sido escrito em Esperanto no seu primeiro ano, e se um esperantista inglês poderia compreender um esperantista espanhol. Sobre isto a história já deu uma resposta cabal e tranquilizadora. Cada um de vós sabe que uma obra escrita em bom Esperanto há vinte e cinco anos conserva integralmente o seu valor ainda agora e os leitores nem podem dizer que ela foi escrita no primeiro ano de existência da nossa língua; cada um de vós sabe que entre o estilo de um bom esperantista inglês e o estilo de um bom esperantista espanhol dos dias de hoje não existe de fato nenhuma diferença. Nossa língua progride e se enriquece constantemente e, todavia, graças à regularidade do seu progresso, ela nunca muda, nunca perde a continuidade com a língua de um tempo anterior. Assim como a língua de uma pessoa amadurecida é muito mais rica e elástica que a de uma criança e to-

davia a língua de uma criança que fala corretamente em nada difere da de uma pessoa amadurecida, também uma obra escrita em Esperanto há vinte e cinco anos não tem um vocabulário tão rico como uma obra escrita na atualidade e todavia a língua daquele tempo não perdeu nada do seu valor também no tempo atual. Uma língua que suportou a prova durante vinte e cinco anos, que viveu durante toda uma geração humana em estado ótimo e sempre mais florescente, e que já é mais velha do que muitos dos seus usuários, que já criou uma literatura grande e poderosamente crescente, que tem sua história e suas tradições, seu espírito e seus ideais definidos, já não deve temer que algo a arranque desse caminho natural e reto em que ela evolui.

"A vida e o tempo garantiram ao Esperanto uma força natural que nenhum de nós pode desprestigiar impunemente. O jubileu de hoje é uma festa dessa vida e desse tempo".

Na segunda parte do discurso o dr. Lázaro lança um pedido que causa sensação: "Agora que a maturidade de nossa causa é já absolutamente indubitável, dirijo-me a vós, caros companheiros, com um pedido que já há muito queria dirigir-vos mas adiei até agora, temendo fazê-lo muito cedo. Eu peço que vós me libereis deste encargo que eu, por razões naturais, desempenhei em nossa causa durante vinte e cinco anos. Peço-vos que a partir de agora deixeis de ver em mim um mestre, deixeis de honrar-me com esse título". "O congresso atual é o último em que me vedes *diant*e de vós; futuramente, se eu puder vir, ver-me-eis sempre apenas *entre* vós".

Quais as causas dessa decisão?

Não envolver o Esperanto com as idéias filosóficas do seu criador, evitar que o mundo considere "Esperantismo" e "Homaranismo" como uma coisa só. Fora da posição de líder do Esperanto, ele teria mais liberdade para defender o seu ideal ético. Ele também quer dar mais liberdade aos esperantistas, possibili-

tando-lhes tomar decisões próprias, desligadas de qualquer influência dele, mesmo involuntária. Além de tudo, os que conhecem a personalidade do dr. Lázaro sabem que essa liderança lhe contraria a modéstia e é forçada pelas circunstâncias.

Em Berna, na Suíça, durante o 9.º Congresso realizado em 1913, ele estará com sua mulher, tranqüilamente sentado na platéia, conversando sem formalidade com os companheiros, defendendo livremente as idéias que lhe são caras.

Capítulo XXXIII

FRUSTRAÇÃO

Corre o ano de 1914, em que os esperantistas realizarão o seu 10.º Congresso. Pouco antes, em Cracóvia, o jubileu de prata ensejara estatísticas que mostravam o progresso crescente da Língua Internacional: 1837 livros publicados até agosto de 1912, dos quais 114 dicionários e 456 manuais; quanto aos clubes esperantistas havia 44 em 1902, 113 em 1903, 186 em 1904; 308 em 1905, 474 em 1906, 721 em 1907, 1266 em 1908, 1455 em 1912, dos quais 1199 na Europa, 126 na América do Norte, 67 na América do Sul, 32 na Ásia, 23 na Oceania e 8 na África. São números que entusiasмам os adeptos e os incitam à realização de um grande congresso para mostrar ao mundo os progressos alcançados. Paris é a cidade escolhida. Lá os esperantistas alugam o gigantesco palácio Gaumont e o enfeitam com bandeiras verdes. Até agora o congresso com participação mais numerosa é o de Antuérpia: 1700 congressistas. Para o de Paris já estão inscritos 3700!

O dr. Lázaro já está de novo arrumando as malas para viajar. Ele sabe que o conclave de Paris será grandioso — para impressionar a opinião pública — mas seu coração está aflito. Pretendia convocar uma reunião de homaranistas durante o Congresso, mas os organizadores, invocando razões políticas, lhe suplicaram que não o fizesse. Então que adiantara demitir-se em Cracóvia da sua função de líder? Nem como particular ele tinha liberdade para agir? Para ele o ideal ético está

acima do Esperanto, o Esperanto reflete apenas o lado lingüístico do objetivo maior: a confraternização entre os homens. Mesmo assim ele decide ir: em Paris procurará acertar um congresso de homaranistas num país neutro.

É verdade que muito se fala e escreve sobre a possibilidade de irromper uma guerra, mas o dr. Lázaro não acredita e parte com sua mulher para a França. Logo a realidade se incumbe de mostrar que está enganado: chegando a Colônia, na Alemanha, informam-no de que os alemães estão em guerra com os russos e que ele com sua esposa, como cidadãos de uma nação inimiga (pois Varsóvia é domínio dos russos), devem abandonar imediatamente a Alemanha. É o que procuram fazer viajando durante catorze dias até a fronteira germano-russa. Para decepção do casal eles não podem passá-la e, para tornarem à pátria, devem dar uma grande volta através de países neutros: Suécia e Finlândia. Viagem não só extenuante pela distância, mas aflitiva, especialmente para o dr. Lázaro, pregador da confraternização... Porque o mundo, mais uma vez, revela preferir o troar ensurdecedor do canhão e o matraquear crepitante da metralhadora à melodia suave e fraterna do Esperanto.

No trem que o conduz de volta a Varsóvia o dr. Lázaro olha, sem ver, a paisagem em volta. Uma onda negra de pessimismo lhe envolve o coração. Uma vida inteira desperdiçada sem proveito... O patrimônio da esposa consumido num ideal incompreendido... Tanta luta, tanta cansa... Para quê, meu Deus? Para quê?

Alheio à sua tragédia íntima, um pássaro alça vôo e se projeta no céu luminoso. Poderá algum dia a alma de Lázaro desfazer-se do abatimento que a prostra e renascer para a liberdade e para a luz?

Capítulo XXXIV

EM LUTA COM A DOENÇA

Profundamente abalado com os acontecimentos, o dr. Lázaro retoma o trabalho na sua clínica de Varsóvia. Seu generoso coração que tanto pulsa pela compreensão entre os povos precisa conformar-se agora com uma guerra mundial. E a consequência é dolorosa. Três meses depois, a 22 de novembro, em plena noite, dona Clara, sua esposa, acorda sobressaltada ao filho, médico recém-formado:

— Adão... Adão... seu pai está passando muito mal!

O jovem corre ao quarto do pai onde o encontra sentado na cama, gemendo, muito pálido, de uma fortíssima dor no coração.

— Pai, tenha um pouco de paciência; vou telefonar para um colega seu.

O dr. Lázaro acha forças para responder com veemência:

— Não incomode ninguém a esta hora... Eu sou médico e sei muito bem que isto vai passar logo...

Indeciso, o filho aguarda os acontecimentos. Mas como a dor continua, telefona para o dr. Kunig, velho amigo do pai e especialista em doenças cardíacas.

Quando ele chega, o dr. Lázaro já está passando melhor, mas o médico percebe que o coração está gravemente doente e prescreve ao paciente alguns dias de cama.

Enquanto este repousa, o dr. Adão substitui-o na clínica, atendendo à clientela pobre que vem pela manhã. Com isso o dr. Lázaro fica liberado de um trabalho estafante, clinicando apenas duas horas depois do almoço. E agora não precisa mais ficar até depois da meia-noite no seu trabalho em favor do Esperanto, que passa a ser feito de manhã.

Todos os dias dona Clara insiste com ele para que saia um pouco, tome um pouco de ar... Mas a Rua Dzika, onde residem, não oferece atrativos para passeios: é movimentada e barulhenta.

Visando a beneficiar o doente, em julho de 1915 a família muda-se para a Rua Królewska, junto ao jardim público central. Realmente as condições da nova residência são mais favoráveis: além dos pequenos passeios que ele pode dar, sobra-lhe mais tempo para o Esperanto porque o dr. Adão lhe permite atender apenas um número diminuto de clientes.

Mas além da doença que evolui acarretando-lhe sofrimentos intensos, as condições morais são-lhe de todo desfavoráveis. Além da guerra — negação brutal ao seu humanismo ingênito — as consequências que ela traz aumentam-lhe a tristeza. Como pode ele manter agora aquela intensa troca de idéias com companheiros do mundo todo? O isolamento forçado a que se vê reduzido é uma prisão tão aflitiva quanto a doença que lhe rationa os movimentos. De vez em quando as sombras dessa prisão são esclarecidas pela presença de companheiros fiéis, cuja dicção esperanta lhe renova o entusiasmo: Grabowski, Leo Belmont, Odo Bujwid, Wiesenfeld e o comandante do porto de Varsóvia durante a ocupação alemã, major Neubarth.

Fato curioso: apesar de acabrunhado, o dr. Lázaro não perde o otimismo, acreditando sempre que a guerra há de acabar logo e em seu lugar surgirão relações internacionais mais aperfeiçoadas.

Afora essas visitas ocasionais, o trabalho de tradução para o Esperanto é o refúgio em que ele se abriga prazerosamente. Aliás as traduções são a parte mais

extensa e importante da sua obra. Até agora publicou as seguintes: A Batalha da Vida, de Dickens (1891); Hamlet, de Shakespeare (1894); O Revisor, de Gogol (1907); Eclesiastes, da Bíblia (1907); Jorge Dandin, de Molière (1908); Ifigênia em Táuride, de Goethe (1908); Os Assaltantes, de Schiller (1908); Os Salmos, da Bíblia (1908); O Rabi de Bacherach, de H. Heine (1909); O Ginásio, de Alejhem (1909); Marta, de E. Orzesko (1910); Os Provérbios (1910); Gênesis (1911); Êxodo, Levíticos (1912), Deuteronômio, todos os cinco da Bíblia. Atualmente ele se ocupa com a tradução completa do Velho Testamento. E para depois desta já está planejada a versão das Fábulas de Andersen. Porque o dr. Lázaro trabalha com método: tantas páginas por dia, de acordo com um cronograma que nem a doença, no começo, consegue atrasar.

Neste momento ele está sentado na cama, com o olhar fixo num ponto qualquer do quarto. Nas mãos um lápis e a fiel caderneta de anotações. Ele pensa no fim da guerra e na contribuição que pode dar aos diplomatas que irão sentar-se à mesa das negociações de paz.

Capítulo XXXV

EM FAVOR DA HUMANIDADE

Em novembro de 1915 o "British Esperantist" publica-lhe o "Apelo aos Diplomatas", acompanhado de tradução em inglês.

"Quando vos reunirdes após a guerra mais mortífera que a história já conheceu", escreve o dr. Lázaro, tereis diante de vós uma tarefa extraordinariamente grande e importante. Dependerá de vós que o mundo a partir daí tenha paz durante longo tempo e talvez para sempre, ou que tenhamos apenas silêncio por algum tempo, logo interrompido por diversas explosões de batalhas entre raças ou até de novas guerras". "Zelai, portanto, para que vosso trabalho não fique sem objetivo e infrutífero, e após o fim de vossos labores a humanidade possa dizer: Não suportamos em vão os grandíssimos e terríveis sacrifícios.

"Começareis simplesmente a refazer e remendar o mapa da Europa? Decidireis simplesmente que o pedaço de terra A deve pertencer ao povo X, e o pedaço de terra B ao povo Y? É verdade que devereis fazer esse tipo de trabalho, mas ele deve ser apenas uma parte sem importância de vossos labores; preveni-vos para que a reforma do mapa não se torne a essência toda de vossos trabalhos, porque então eles ficariam absolutamente sem valor, e os grandíssimos sacrifícios de sangue que a humanidade suportou seriam inúteis".

E depois de aludir à formação dos "Estados Unidos da Europa" para substituir as grandes e pequenas na-

ções européias, o dr. Lázaro propõe aos diplomatas que quando se reunirem, após o fim da guerra, estabeleçam em nome e sob a garantia dos seus governos os seguintes princípios:

1. Cada nação pertence moral e materialmente a todos os seus habitantes naturais ou naturalizados, qualquer que seja sua língua, religião ou suposta origem; nenhuma raça deve ter, dentro de cada país, mais ou menos direitos ou deveres do que as outras raças;

2. Todo cidadão tem pleno direito de usar a língua ou o dialeto que deseja, e professar a religião de sua preferência. Só nas instituições públicas que não estão destinadas especialmente a uma só raça, deve-se usar a língua que por acordo comum dos cidadãos foi aceita como língua nacional. Mas a língua nacional deve ser considerada não como tributo humilhante que raças dominadas devem a uma raça dominante, mas apenas como concessão voluntária da maioria à maioria, para atender a fins práticos;

3. A respeito de todas as injustiças feitas em alguma nação, o governo desta é responsável perante um Tribunal Pan-Europeu Permanente, organizado por acordo entre todas as nações européias;

4. Toda nação e toda província devem ter, não o nome de um povo, mas apenas um nome geográfico neutro, aceito por acordo geral de todas as nações (21).

E o apelo termina desta forma:

"Senhores diplomatas! Após a terrível guerra exterminadora que colocou a humanidade em posição inferior aos animais ferozes, a Europa espera de vós a

(21) São nomes geográficos neutros: "Confederação Suíça", "Estados Unidos", "Brasil". Exemplo de nome geográfico não-neutro seria "Rússia", com o qual, segundo Zamenhof, os russos sentir-se-iam privilegiados, em prejuízo de letões, estonianos ou poloneses. Como sabemos, pelo tratado de 30-12-1922 foi proclamada a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, ou abreviadamente U.R.S.S., designação que substituiu oficialmente o antigo nome "Rússia", reservado hoje para designar apenas uma das mencionadas Repúblicas.

paz. Ela espera, não um acordo provisório, mas uma paz constante, que só ela convém a uma raça humana civilizada. Mas lembrai, lembrai, lembrai que o único meio para alcançar essa paz é: afastar de uma vez a causa principal das guerras, herança bárbara da mais antiga era anterior à civilização, o domínio de umas raças sobre outras".

Que resultado alcançará esse apelo lançado heroicamente por um homem que luta contra a morte?

O dr. Lázaro não sabe que o fim da guerra está longe, e o bom-senso dos homens mais longe ainda. Mas os princípios lançados por ele ficam gravados no grande livro da História, como lições de valor permanente e inalterável.

Capítulo XXXVI

A PARTIDA

O ano de 1916 arrasta-se ainda mais penosamente para o dr. Lázaro, com o recrudesimento da guerra e o agravamento do seu estado de saúde. Ele encontra-se muito abatido, qualquer pequeno esforço lhe exige um grande sacrifício e quando consegue datilografar umas poucas páginas, precisa descansar alguns dias na cama para fortalecer o coração. As dores o acompanham sempre, mas não geme para que parentes e amigos não sofram com ele.

Apesar de não ter mais de 57 anos, o dr. Lázaro é como uma vela cuja chama, extinguindo-se lentamente, está próxima do fim. Mas sempre dando luz e calor aos que o cercam, pois os seus pensamentos e palavras estão unicamente voltados para o bem da humanidade.

No dia 14 de abril de 1917 o enfermo apresenta uma melhora que anima os parentes. Ele fica só no quarto, entregue às suas meditações. Mas a melhora é aparente: a agonia começa e quando os familiares se dão conta da situação o doente falece. No criado-mudo, a caderneta cheia de anotações. Sobre a mesa, um manuscrito inacabado descreve a sua experiência religiosa e as dúvidas que o assaltaram.

No dia 16, frio e cinzento, faz-se o enterro. Muita gente o acompanha, são os esperantistas de Varsóvia e a população pobre do bairro judeu. Estes, pelo menos, revelam-se gratos ao benfeitor que lhes curara os olhos físicos. O resto da humanidade, porém, a quem

ele quisera curar da cegueira moral, não está representada. Presa de ódio e cobiça, digladiava-se brutalmente nos campos de batalha...

* * *

O bondoso médico polonês desaparece do cenário físico. Mas seu sistema ético e o Esperanto não morrem. Eles sobrevivem a crises e guerras, como mensagens permanentes de esperança num mundo renovado em bases de confraternização e serviço, de lógica e bom-senso.

Esperança concretizável?

O problema é de amadurecimento coletivo. Quando o corpo social atingir um estágio moral mais evoluído, o Esperanto e as idéias éticas de Zamenhof não serão privilégio de um punhado reduzido de "eleitos", isto é, de pessoas que já desenvolveram a necessária sensibilidade para assimilá-los, mas constituirão patrimônio comum da humanidade.

O dr. Lázaro já não felicita o mundo com a sua presença física. Mas a sua obra aí está, à espera dos homens de boa vontade que sonham com um mundo melhor e arregaçam as mangas para construí-lo.

POSFACIO (*)

A semente lingüística, lançada pelo Dr. Zamenhof em 1887, desenvolveu-se lentamente, mas é hoje árvore grandiosa cujas raízes se estendem pelos cinco continentes e sob cuja ramagem, acolhedora e fraterna, se congregam centenas de milhares de adeptos de muitos países. A semelhança de todo grande ideal, o movimento esperantista prossegue devagar mas inexoravelmente, conquistando cérebros e sobretudo ganhando corações graças à mensagem de solidariedade embutida na Língua Internacional. É realmente emocionante encontrar companheiros e companheiras encanecidos no ensino do Esperanto e, mais ainda, conhecer jovens a falar fluentemente a Língua Internacional, divulgando-a com a energia e o entusiasmo próprios da idade. E embora não se trate de conquistas espetaculares, não passa semana sem que o movimento esperantista registre expressivas vitórias que, para uma análise realista, constituem a base indispensável para o triunfo definitivo. Triunfo que há de vir por estar enquadrado na lógica da vida, que quer a vitória do bem, embora tal triunfo esteja aparentemente distante, ao menos para os termos limitados de uma existência humana. Escrevi "aparentemente" porque... que é o tempo para o Espírito imortal?

Depois que foi lançada a primeira edição deste livro em 1973, alguns fatos importantes se inscreveram na

(*) À 1ª edição da FEB, de 1984.

história do Esperantismo, mas vou citar apenas dois para evidenciar o caráter irreversível do movimento. O primeiro, de cunho universal, é a forte expansão do Esperanto na América do Sul e Ásia, longe portanto da Europa, que continua sendo seu núcleo maior; realmente em 1981 realizou-se em Brasília o 66º Congresso Universal de Esperanto, que congregou 1700 pessoas de 50 países e foi o primeiro congresso universal no Hemisfério Sul. Por outro lado a Língua Internacional está penetrando mais na Ásia, onde além do seu tradicional foco, que é o Japão, despertam hoje para o Esperanto países de sistemas políticos e econômicos muito diferentes entre si, como Irã, Coréia do Sul e República Popular da China. O segundo fato a merecer destaque é o crescimento do movimento esperantista brasileiro, que a partir do Congresso Universal de Brasília caminha para a sua indispensável unificação. Para este crescimento muito colabora a Federação Espírita Brasileira, editando livros para o ensino da língua, promovendo cursos, divulgando o Esperanto pelas colunas do seu mensário "Reformador" e sobretudo incentivando entre os espíritas o estudo da Língua Internacional, pelas sugestões contidas no opúsculo "Orientação ao Centro Espírita", editado pela FEB em 1980.

O Esperantismo é uma seara imensa que precisa permanentemente de um contingente enorme de trabalhadores. Como acontece com todo ideal elevado, trabalhar pelo Esperanto é enriquecer espiritualmente a humanidade e ao mesmo tempo enriquecer-se a si próprio. Mas para que isto ocorra de forma plena é preciso utilizar a Língua Internacional qual veículo de fraternidade, como queria sabiamente o seu Iniciador. Que nós, esperantistas, tenhamos sempre em mente, em nossos labores, o elevado pensamento ético de Zamenhof bem

como a luminosa lição do Apóstolo Paulo em sua 1ª Epístola aos Coríntios, capítulo 13: "Ainda que eu falasse as línguas dos homens, e dos Anjos, e não tivesse caridade, seria como o metal que tine, ou como o sino que retine."

Seja portanto o nosso lema: Trabalhar pelo Esperanto e, com ele, pelo reino da solidariedade entre todos os homens e entre todas as nações.

APÊNDICE

1. O nome do criador do Esperanto

Segundo a nota 1 que se encontra à pág. 56 do livro "Originala Verkaro — L. L. Zamenhof", compilado pelo dr. J. Dietterle, Lípsia, 1929, o criador do Esperanto assina seu nome com "s": *Samenhof*, até o fim de 1891, nos artigos escritos em alemão para o jornal "O Esperantista" e também no cabeçalho dessa publicação onde se lê o endereço dele.

Referida nota acrescenta que o nome "Samenhof" é alemão e não russo, como supuseram alguns esperantistas franceses por causa da desinência "of".

Por que teria ele adotado a grafia *Zamenhof*, com "Z"?

Em resposta aos esperantistas de Berlim que o haviam consultado sobre a grafia correta do seu nome, resposta publicada no n.º 5 do "Esperantistiche Mitteilungen" (junho de 1904) e transcrita pelo dr. Dietterle na obra acima mencionada, o dr. Lázaro esclarece:

"Pode-se agora escrever um nome próprio [em Esperanto] como agora se escreve na língua nacional do seu possuidor, pois atualmente a escrita fonética de muitos nomes lhes causaria excessiva mutilação e não reconhecimento. Mas isto é apenas um recurso provisório; devemos tender a que mais cedo ou mais tarde todos os nomes sejam escritos na língua internacional pela fonética internacional desta língua para que todas as nações possam ler corretamente esses nomes. Por isso todas as pessoas que não temem mutilar

excessivamente ou tornar irreconhecível seu nome com a escrita fonética, podem já agora escrever seu nome à maneira esperanta. Eis a causa por que eu escrevo meu nome com Z, embora ele seja de origem alemã”.

Quanto ao prenome do autor do Esperanto deve-se esclarecer que seus pais o registraram com o nome hebraico Lázaró, ao qual acrescentaram, conforme o costume, um segundo prenome cristão, com a mesma letra inicial, Luís, sendo portanto seu nome completo: *Lázaro Luís Zamenhof*.

Fato curioso: o autor do Esperanto dava preferência ao prenome Luís, como se pode deduzir de um cartão de visita anterior à troca do “s” pelo “z” no sobrenome, onde se lê: *Dr. Ludwik Samen*hof. Da mesma forma, na primeira lápide colocada sobre o seu túmulo lia-se: *Doktor Ludwik Zamenhof* (Tanto a fotografia do cartão como a da primeira lápide estão reproduzidas no “Memorlibro pri la Zamenhof-Jaro”, editado pela Associação Universal de Esperanto em 1960).

Essa preferência pelo prenome Luís (*Ludwik* em polonês, *Ludoviko* em Esperanto) deu origem a confusões: algumas enciclopédias registram só “Luís” ou “Ludwik”, outras “Luís Lázaró”. Na cidade de São Paulo o Ginásio Estadual de Vila Mazzei chama-se precisamente “Dr. Luís Lázaró Zamenhof”, assim como uma rua da cidade de São Carlos, no mesmo Estado. Também a inscrição junto ao busto do criador do Esperanto, localizado na Praça da República, na capital paulista, incide no mesmo erro. Cumpre retificar essas denominações para a sua forma verdadeira: *Dr. Lázaró Luís Zamenhof*.

2. Regras do Esperanto

1. Não existe *artigo* indefinido: só existe o artigo definido (*la*), igual para todos os sexos, casos e números.

2. Os *substantivos* têm a desinência *o*. Para a formação do plural acrescenta-se a desinência *j*. Só existem dois casos: nominativo e acusativo; forma-se o último acrescentando *n* ao nominativo. Expressam-se os outros casos por meio de preposição (o genitivo com *de*, o dativo com *al*, o ablativo com *per* ou preposições outras, conforme o sentido).

3. O *adjetivo* termina em *a*. Casos e números como no substantivo. Forma-se o comparativo com a palavra *pli*, e o superlativo com *plej*; com o comparativo usa-se a conjunção *ol*.

4. Os *numerais* cardinais (invariáveis) são: *unu, du, tri, kvar, kvin, ses, sep, ok, nau, dek, cent, mil*. As dezenas e as centenas são formadas pela simples junção dos numerais. Para a indicação dos ordinais acrescenta-se a desinência do adjetivo; para os multiplicativos — o sufixo *-obl*, para os fracionários *-on*, para os coletivos *-op*, para os distributivos a palavra *po*. Além disso podem-se usar numerais substantivados e adviados.

5. Pronomes pessoais: *mi, vi, li, ŝi (= ŝi), ĝi (= ĝi)* (para coisa ou animal), *si, ni, vi, li, ili, oni*; os pronomes possessivos são formados pelo acréscimo da desinência do adjetivo. A flexão é igual à dos substantivos.

6. O verbo não se flexiona para indicar pessoa ou número. Formas do verbo: desinência do presente: *-as*; pretérito: *-is*; futuro do presente: *-os*; futuro do pretérito: *-us*; imperativo: *-u*; infinitivo: *-i*. Participípios (com sentido adjetivo ou adverbial): ativo presente: *-ant*; ativo pretérito: *-int*; ativo futuro: *-ont*; passivo presente: *-at*; passivo pretérito: *-it*; passivo futuro: *-ot*. Obtêm-se todas as formas da voz passiva com o auxílio da forma correspondente do verbo *esti* (“ser”) e o participípio passado do verbo que se usa; a preposição que acompanha a voz passiva é *de*.

7. Os *advérbios* de modo terminam em *e*; *graus* de comparação como nos adjetivos.

8. Todas as *preposições* regem, por si, o nominativo.

9. Cada palavra é lida como se escreve.
10. O acento tônico cai sempre na penúltima sílaba.
11. Formam-se palavras compostas pela simples junção das palavras (o vocábulo principal fica no fim); as desinências gramaticais são consideradas também palavras independentes.
12. Junto a palavra negativa não se pode usar o advérbio *não*.
13. Para indicar direção, as palavras recebem a desinência do acusativo.
14. Cada preposição tem um sentido determinado e constante; mas se deve usar-se uma preposição e o sentido não mostra qual delas se deve empregar, usa-se então a preposição *je*, que não tem sentido próprio. Em lugar de *je* pode-se também usar o acusativo sem preposição.
15. Os chamados estrangeirismos, isto é, os vocábulos que a maioria das línguas tomou de uma só fonte, são usados no Esperanto sem alteração, recebendo apenas a ortografia desta língua; mas com palavras derivadas de uma só raiz é melhor usar apenas a palavra básica e, desta, derivar as outras conforme as regras do Esperanto.
16. A vogal final do substantivo e do artigo pode ser omitida e substituída por apóstrofo.

(Extraído da *Fundamenta Krestomatio*,
de L. L. Zamenhof)

3. *Textos originais da Resolução da UNESCO sobre o Esperanto, nas línguas espanhola, inglesa e francesa*

Publicamos abaixo os textos originais em espanhol, inglês e francês da Resolução 8C/DR/116, aceita pela Conferência Geral da UNESCO na última sessão plenária, em 10 de dezembro de 1954. Em seguida, a tradução portuguesa.

TEXTO ESPANHOL

La Conferencia General, habiendo considerado el Informe del Director General sobre la Petición Internacional en favor del Esperanto.

(1) se da por enterada de los resultados alcanzados por el Esperanto en la esfera de las relaciones intelectuales internacionales y en el acercamiento de los pueblos del mundo;

(2) reconoce que esos resultados responden a los fines e ideales de la U. N. E. S. C. O.;

(3) aconseja al Director General que siga la evolución del uso del Esperanto en la ciencia, la educación y la cultura y, con tal fin, colabore con la Asociación Universal de Esperanto en asuntos que conciernan a ambas organizaciones;

(4) convoca a los Estados Miembros que han expresado estar dispuestos a establecer o ampliar la enseñanza del Esperanto en las escuelas, para que informen al Director General acerca de los resultados obtenidos en ese campo.

TEXTO INGLÊS

The General Conference, having discussed the Report of the Director-General on the International Petition in favour of Esperanto.

(1) Takes note of the results attained by Esperanto in the field of international intellectual relations and in the rapprochement of the peoples of the world;

(2) recognizes that these results correspond with the aims and ideals of U. N. E. S. C. O.;

(3) authorizes the Director-General to follow current development in the use of Esperanto in education, science and culture, and, to this end, to co-operate with the Universal Esperanto Association in matters concerning both organizations;

(4) takes note that several Member States have announced their readiness to introduce or expand the teaching of Esperanto in their schools and higher educational establishments, and requests these Member States to keep the Director-General informed of the results attained in this field.

TEXTO FRANCÊS

La Conférence Générale, après discussion du Rapport du Directeur Général sur la Pétition Internationale en faveur de l'Esperanto,

(1) note les résultats obtenus au moyen de l'Esperanto dans les échanges intellectuels internationaux et pour le rapprochement des peuples;

(2) constate que ces résultats correspondent aux buts et idéaux de l'U. N. E. S. C. O.;

(3) autorise le Directeur Général de suivre les expériences que représente l'utilisation de l'Esperanto pour l'éducation, la science et la culture et, dans ce but, collaborer avec l'Association Universelle de l'Esperanto dans les domaines intéressant les deux organisations;

(4) note que plusieurs Etats Membres se sont déclarés prêts à introduire ou à développer l'enseignement de l'Esperanto dans leurs écoles primaires, secondaires ou supérieures, et invite ces Etats Membres à tenir le Directeur Général informé des résultats obtenus dans ce domaine.

Observação: Os textos espanhol, inglês e francês foram transcritos da revista "Esperanto", n.º 591, fevereiro de 1955.

4. "Relações consultivas"

Desde 8 de dezembro de 1954 a Associação Universal de Esperanto foi autorizada pela UNESCO a manter "relações de consulta" com esta entidade. (*)

(*) Presentemente, a Associação Universal de Esperanto mantém relações operacionais com a UNESCO, especiais consultivas com a ONU, consultivas com a UNICEF e o CONSELHO EUROPEU, de colaboração geral com a OEA e de intercâmbio com a Comissão Técnica TC 37 da ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE NORMATIZAÇÃO — Nota da Editora em 1999.

TRADUÇÃO PORTUGUESA

A Conferência Geral, tendo discutido o Relatório do Diretor Geral sobre a Petição Internacional em favor do Esperanto,

(1) toma conhecimento dos resultados atingidos por meio do Esperanto no campo das relações intelectuais internacionais e na aproximação dos povos do mundo;

(2) reconhece que esses resultados correspondem aos objetivos e ideais da U. N. E. S. C. O.;

(3) autoriza o Diretor Geral a acompanhar a evolução do uso do Esperanto na ciência, educação e cultura e, para esse fim, colaborar com a Associação Universal de Esperanto em assuntos concernentes a ambas as organizações;

(4) toma conhecimento de que vários Estados-Membros informaram de sua disposição a introduzir ou ampliar o ensino do Esperanto em suas escolas primárias, secundárias ou superiores, e solicita a esses Estados-Membros que mantenham informado o Diretor-Geral sobre os resultados atingidos nesse campo.

Esta posição confere à AUE uma série de direitos e privilégios que, segundo o prof. Ivo Lapenna, "se resumem no direito básico de ser consultada em todos os assuntos concernentes à competência e campo de atividade da AUE. Praticamente isto significa o direito de emitir sua opinião a respeito de tudo o que se refere à questão lingüística nas relações internacionais".

Por sua vez a associação em relações consultivas tem uma série de deveres, sendo o principal o de ajudar, segundo suas possibilidades, na realização do programa da UNESCO.

5. A UNESCO oficializa o centenário de Zamenhof

Em 15 de fevereiro de 1960 o sr. René Maheu, diretor geral da UNESCO, enviava a todos os governos a carta CL/1406, cuja parte principal é a seguinte:

TEMA: COMEMORAÇÃO DE DATAS DE GRANDES PERSONALIDADES

Senhor,

Tenho a honra de pedir sua atenção para a Decisão aceita pela Comissão Executiva em sua 55.ª sessão, relativamente à comemoração de grandes personalidades em 1960.

Os nomes selecionados pela Decisão são:

..... Dr. Lázaro Luís Zamenhof, polonês, iniciador do Esperanto, nascido em 1859.

Em conformidade, tenho a honra de convidar o Governo de V. Excia. a participar na comemoração destas datas na forma que julgar oportuna".

A decisão da UNESCO foi a mais alta honraria que o nome do dr. Zamenhof recebeu. Graças a ela, também oficialmente o sábio polonês ingressou na galeria dos imortais.

(Extraído do Memorlibro pri Zamenhof-Jaro, pág. 103)

6. Congressos Universais de Esperanto

Ano	Local
1. 1905	Boulogne-sur-Mer, França
2. 1906	Genebra, Suíça
3. 1907	Cambridge, Reino Unido
4. 1908	Dresde, Alemanha
5. 1909	Barcelona, Espanha
6. 1910	Washington, Estados Unidos
7. 1911	Antuérpia, Bélgica
8. 1912	Cracóvia, Polónia
9. 1913	Berna, Suíça
10. 1914	Paris, França (Não se realizou por causa da declaração de guerra)
11. 1915	San Francisco, Estados Unidos
12. 1920	Haia, Holanda
13. 1921	Praga, Tcheco-Eslováquia
14. 1922	Helsinque, Finlândia
15. 1923	Nurembergue, Alemanha
16. 1924	Viena, Áustria
17. 1925	Genebra, Suíça
18. 1926	Edimburgo, Reino Unido
19. 1927	Danzig
20. 1928	Antuérpia, Bélgica
21. 1929	Budapeste, Hungria
22. 1930	Oxford, Reino Unido
23. 1931	Cracóvia, Polónia
24. 1932	Paris, França
25. 1933	Colónia, Alemanha
26. 1934	Estocolmo, Suécia
27. 1935	Roma, Itália
28. 1936	Viena, Áustria
29. 1937	Varsóvia, Polónia
30. 1938	Londres, Reino Unido
31. 1939	Berna, Suíça
32. 1947	Berna, Suíça
33. 1948	Malmö, Suécia

34. 1949	Bournemouth, Reino Unido
35. 1950	Paris, França
36. 1951	Munique, Alemanha
37. 1952	Oslo, Noruega
38. 1953	Zagreb, Iugoslávia
39. 1954	Haarlem, Holanda
40. 1955	Bolonha, Itália
41. 1956	Copenhague, Dinamarca
42. 1957	Marselha, França
43. 1958	Mogúncia, Alemanha
44. 1959	Varsóvia, Polónia
45. 1960	Bruxelas, Bélgica
46. 1961	Harrogate, Reino Unido
47. 1962	Copenhague, Dinamarca
48. 1963	Sofia, Bulgária
49. 1964	Haia, Holanda
50. 1965	Tóquio, Japão
51. 1966	Budapeste, Hungria
52. 1967	Roterdã, Holanda
53. 1968	Madri, Espanha
54. 1969	Helsinque, Finlândia
55. 1970	Viena, Áustria
56. 1971	Londres, Reino Unido
57. 1972	Portland, Óregon, Estados Unidos
58. 1973	Belgrado, Iugoslávia

Como podemos ver pela relação apresentada, os congressos universais vêm sendo realizados todos os anos desde a sua instituição, excetuando-se os períodos das duas guerras mundiais.

Quanto à localização geográfica dos congressos, notamos que a Europa realizou a maioria absoluta deles: 54, contra 3 levados a efeito na América e 1 na Ásia. Os países que mais vezes os sediaram foram: em primeiro lugar o Reino Unido (7 vezes), seguido da Alemanha e Suíça (5 vezes cada) e Holanda e França (4 vezes cada). Viena e Berna são as cidades que mais vezes foram sede de congressos: 3 vezes cada uma.

Os congressos com maior número de inscrições foram, pela ordem, os de Nurembergue (em 1923), Budapeste (em 1966), Paris (em 1914) e Sofia (em 1963), todos com mais de 3.000 inscritos.

ADENDO

1. Na pág. 125, nas notas relativas ao nome do criador do Esperanto, acrescenta-se que o antigo Ginásio Estadual de Vila Mazzei, denominado de forma errônea "Dr. Luís Lázaro Zamenhof", recebeu o nome de outro patrono, ao passo que o nome "Dr. Lázaro Luís Zamenhof" foi atribuído a uma Escola Estadual de 1º Grau, situada também na cidade de São Paulo, no bairro Vila Medeiros.

2. Na relação dos Congressos Universais (pág. 134) acrescentem-se os seguintes:

59. 1974 Hamburgo, República Federal da Alemanha
60. 1975 Copenhague, Dinamarca
61. 1976 Atenas, Grécia
62. 1977 Reiquiavique, Islândia
63. 1978 Varna, Bulgária
64. 1979 Lucerna, Suíça
65. 1980 Estocolmo, Suécia
66. 1981 Brasília, Brasil
67. 1982 Antuérpia, Bélgica
68. 1983 Budapeste, Hungria

Estatística até 1983: (*)

— Congressos Universais: 68. Realizados na Europa: 63; na América: 4; na Ásia: 1. Países que mais vezes os sediaram: Reino Unido (7 vezes); Alemanha e Suíça (6 vezes cada uma). Cidades que foram mais vezes sede de Congresso Universal: Viena, Berna, Copenhague, Antuérpia e Budapeste (3 vezes cada uma).

(*) De 1984 até 1999 realizaram-se os Congressos Universais de Esperanto a seguir relacionados:

69	1984	Vancouver, Canadá
70	1985	Augsburg, Alemanha
71	1986	Beijing, China
72	1987	Varsóvia, Polónia
73	1988	Rotterdam, Holanda
74	1989	Brighton, Inglaterra
75	1990	Havana, Cuba
76	1991	Bergen, Noruega
77	1992	Viena, Áustria
78	1993	Valencia, Espanha
79	1994	Seul, Coreia
80	1995	Tampere, Finlândia
81	1996	Praga, República Tcheca
82	1997	Adelaide, Austrália
83	1998	Montpellier, França
84	1999	Berlim, Alemanha

Dos 84 Congressos Universais realizados até 1999, 74 ocorreram na Europa, 6 na América, 3 na Ásia e 1 na Austrália. Dentre os países que sediaram mais Congressos, permanecem o Reino Unido (10 vezes), a Alemanha (7 vezes) e a Suíça (6 vezes). Viena, na Áustria, foi sede de 4 Congressos Universais — Nota da Editora em 1999.

Obras consultadas

1. *Memorlibro pri la Zamenhof-jaro*, compilado pelo dr. Ivo Lapenna. Associação Universal de Esperanto, Londres, 1960.
2. *Vivo de Zamenhof*, Edmond Privat, The Esperanto Publishing Co. Ltd., Rickmansworth (Herts), Inglaterra, 4.ª ed., 1957.
3. *Historio de la Lingvo Esperanto I* (Deveno kaj komenco, 1887-1900), Edmond Privat, Internacia Esperanto-Instituto. Haia, Holanda, 1923.
4. *Historio de la Lingvo Esperanto II* (La movado, 1900-1927), Edmond Privat, Internacia Esperanto-Instituto. Haia, Holanda, 1927.
5. *Originala verkaro* de L. L. Zamenhof, compilação do dr. J. Dietterle, Ferdinand Hirt & Sohn, Lipsia, 1929.
6. *Leteroj de L. L. Zamenhof*, dois volumes, apresentação e comentários do prof. G. Waringhien, S. A. T., Paris, 1948.
7. Essência e futuro da idéia de língua internacional. L. L. Zamenhof, tradução e notas de Ismael Gomes Braga, edição de "Lingua Auxiliária", Rio de Janeiro, 1937.
8. *Fundamenta Krestomatio*, L. L. Zamenhof, Esperantista Centra Librejo, Paris, 16.ª ed., 1939.
9. *Gvidilo tra la Esperanto-movado*, G. P. de Bruin, S. A. T. kaj Federacio de Laboristaj Esperantistoj, Amsterdã-Paris, 1936.
10. *Plena Gramatiko de Esperanto I*, K. Kalocsay e G. Waringhien, 3.ª edono, 1958, Esperanto-Propaganda Centro, Milano.
11. *A sobrevivência do espírito*, Ramatis, Livraria Freitas Bastos S. A., Rio de Janeiro e São Paulo, 2.ª ed., 1964.
12. *Por um mundo melhor através da poesia e do Esperanto*, Sylla Chaves, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1970.
13. *Plena vortaro de Esperanto*, de diversos autores. S. A. T., Paris, 1956.
14. *Dicionário Esperanto-Português*, Ismael Gomes Braga, F.E.B., 1.ª ed., 1956.
15. *Enciclopédia Brasileira Mérito*, Editora Mérito S.A., São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife.
16. *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, organizado por Laudelino Freire, A Noite — Editora, Rio de Janeiro.
17. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, Aurelio Buarque de Hollanda Ferreira, 10.ª edição, 2.ª impressão, 1961. Editora Civilização Brasileira S.A., Rio de Janeiro.
18. *Dicionário de Verbos e Regimes*, Francisco Fernandes, 8.ª edição, 1951, Editora Globo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo.
19. *Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos*, Francisco Fernandes, 5.ª edição, 1955, Editora Globo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo.
20. *Dictionnaire Etymologique*, Albert Dauzat, 7.ª édition, Librairie Larousse, Paris.

Informações sobre o Autor

WALTER AUGUSTO FRANCINI

Nasceu em São Paulo, a 3 de junho de 1926, e faleceu na mesma cidade, a 3 de maio de 1996.

Concluiu o curso de Letras Clássicas na Universidade de São Paulo e o de Direito na Pontifícia Universidade Católica da mesma cidade, militando no magistério desde 1947.

Jornalista, colaborou na imprensa da capital e do interior do seu estado, tendo redigido durante alguns anos a coluna "Língua Internacional", no "Diário Popular", de São Paulo.

Foi vice-presidente da Associação Paulista de Esperanto e delegado, para assuntos de educação, da Associação Universal de Esperanto, sediada na Holanda.

Livros da Federação Espírita Brasileira

Allan Kardec Afonso Costa

NOVO DICIONÁRIO PORTUGUÊS-ESPERANTO

Tomando por base os dois primeiros trabalhos no gênero, o primeiro de autoria do Doutor Luís Porto Carreiro Neto e o segundo do Professor Ismael Gomes Braga, o autor constrói uma obra mais atualizada e moderna onde acrescenta nomes próprios, nomes de acidentes geográficos, termos de Medicina, Biologia, Botânica, Química e Zoologia. É, assim, uma importante obra para os que estudam, ensinam ou se utilizam do idioma internacional. O Novo Dicionário Português-Esperanto tem a complementá-lo o Dicionário Completo Esperanto-Português com que seu autor fecha sua valiosa contribuição aos esperantistas.

DICIONÁRIO COMPLETO ESPERANTO-PORTUGUÊS

Obra indispensável a todos que ensinam, estudam, traduzem ou fazem uso desta língua que representa o nobre ideal do Dr. Lázaro Luís Zamenhof. Este dicionário, já bastante enriquecido com nomes próprios geográficos e com vasta terminologia médica, representa um avanço para os esperantistas de língua portuguesa. Sofreu uma revisão profunda por dois dos maiores esperantistas brasileiros. Seu autor, muito cuidadoso, tomou por modelo, ou fonte, aquela que hoje é e por longo tempo será uma obra insuperável: "Plena ilustrita vortaro", editada em 1970 pela S.A.T. — Sennacieca Asocio Tutmonda, de Paris, e seu suplemento de 1987, conferindo a esse trabalho inquestionável autoridade.

PRIMEIRO MANUAL DE ESPERANTO

Esta brochura, originalmente publicada em francês, foi traduzida para o português pelo Prof. Ismael Gomes Braga, com apreciáveis melhoramentos que a tornaram modernizada e mais completa.

É o compêndio mais habilmente preparado que até hoje se publicou para a aprendizagem rápida do Esperanto. O seu êxito mundial, com 100.000 exemplares editados tão-somente em língua portuguesa, bem lhe demonstra o inestimável valor.

Francisco Valdomiro Lorenz

ESPERANTO SEM MESTRE

Não se pouparam esforços nem despesas com a finalidade de colocar nas mãos dos alunos um livro cem por cento didático, e que constitui ainda um guia seguro para os professores de cursos elementares, médios e superiores de Esperanto.

Quem quiser falar e escrever corretamente o idioma de Zamenhof, não pode desconhecer esse monumento de 400 páginas.

É a obra mais completa até agora publicada em língua portuguesa para o bom aprendizado e o estudo consciencioso do Esperanto.

Este livro é para ser lido pelos esperantistas e pelos que ainda não entraram em contato com o ESPERANTO. Os primeiros, como seguidores do ideal do Dr. Zamenhof, encontrarão na magnífica obra do Professor Walter Francini tudo quanto se refere à maravilhosa vida do bondoso médico polonês, inteiramente dedicada a um elevado ideal: a fraternidade universal. E aqueles que ainda nada ouviram ou leram sobre a Língua Internacional, descobrirão uma coisa deveras preciosa, já que o ESPERANTO é, realmente, a solução para as dissensões entre os povos de raças e línguas diferentes. Sem pretender substituir nenhuma língua nacional, o ESPERANTO visa a mais aproximar os diversos conglomerados humanos mediante uma língua comum. O ESPERANTO se destina, assim, a ser a segunda língua de cada povo.

Não poderia ser mais feliz o lançamento da obra "DOUTOR ESPERANTO", de autoria do Professor Francini. Ela se fazia necessária para esperantistas e não-esperantistas.

A par desse importante aspecto, é oportuno destacar o português correto, escorreito, asseado, fruto da capacidade e competência do autor. Ler "DOUTOR ESPERANTO" é deleitar-se numa leitura amena, agradável e útil.

Parabéns ao Professor Walter Francini pelo lançamento de seu livro, tão bem escrito e tão útil pelo seu conteúdo! Parabéns, também, aos esperantistas portugueses e brasileiros pela edição de "DOUTOR ESPERANTO", que poderá figurar, sem nenhum favor, entre as valiosas obras da moderna literatura em língua portuguesa.

Nelson Silveira
(Presidente da Associação
Paulista de Esperanto)

Esperanto — "obra-prima de lógica e simplicidade".

(Da Resolução da Academia Francesa de Ciências de 19-6-1924.)

*

"A Conferência Geral, tendo discutido o Relatório do Diretor Geral sobre a petição internacional em favor do Esperanto (80/PRG/3);

"Registra os resultados atingidos por meio do Esperanto no campo do intercâmbio intelectual internacional e para a aproximação dos povos do mundo;

"Reconhece que esses resultados correspondem aos objetivos e ideais da U.N.E.S.C.O."...

(Da Resolução adotada pela Conferência Geral da U.N.E.S.C.O., reunida em Montevideu, 1954.)

*

"Esperanto é a língua universal de nossa época".

(Papa João XXIII, "Informilo de Internacia Esperanto - Muzeo en Wien, novembro, 1964.)

ENDEREÇO ÚTIL

Dicionários, livros em e sobre Esperanto, revistas, discos, cursos, reuniões culturais e recreativas, correspondência internacional, participação em seminários e congressos:

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE ESPERANTO

Rua Fáustolo, 124
05041-000 — S. Paulo (SP)
(0xx11) 3862-1183

DOUTOR ESPERANTO — Walter Francini

É a biografia desse missionário do bem, Lázaró Luís Zamenhof, criador da Língua Internacional — o Esperanto. Walter Francini soube imprimir-lhe encantadora forma romanceada, ensejando aos leitores se deixem influenciar pelos exemplos daquela vida fecunda, consagrada à causa da fraternidade universal.

“Doutor Esperanto” demonstra o grande valor do idioma neutro e a necessidade de ser ele conhecido e divulgado.

